

Estudo Dinâmico do Evangelho

Amílcar Del Chiaro Filho

Índice

Abertura

Capítulo I - Profecias Sobre o Nascimento do Messias

Capítulo II - O Nascimento de Jesus

Capítulo III - A Infância de Jesus - A Bênção da Virilidade

Capítulo IV - O Batismo de Jesus - A Tentação no Deserto

Capítulo V - Os Primeiros Discípulos - O Festim das Bodas

Capítulo VI - A Conversa Com Nicodemus

Capítulo VII - A Mulher Samaritana

Capítulo VIII - Visita à Nazaré e Outros Ensinamentos

Capítulo IX - Mateus é Chamado - O Sermão da Montanha

Capítulo X - Continuação do Sermão da Montanha - Sal da terra

Capítulo XI - Ainda O Sermão da Montanha - Olho por Olho

Capítulo XII - Seqüência do Sermão da Montanha - Tesouros e Outros

Capítulo XIII - A Cura do Criado do Centurião

Capítulo XIV - A Multiplicação dos Pães e Peixes - Outras Passagens

Capítulo XV - O Bom Samaritano - Marta e Maria

Epílogo da Mais Extraordinária Jornada de Todos Os Tempos

Abertura

Quais as razões para este estudo quando já existem tantos autores encarnados e desencarnados que se ocuparam em interpretar as passagens evangélicas? Autores como Allan Kardec, León Denis, Emmanuel, Pedro de Camargo Vinícius, Saramago e tantos outros mais cultos e mais capazes do que nós, já se ocuparam disto, o que leva alguém obscuro a tentar a mesma tarefa? Vaidade? Não. Afirmamos que não é vaidade, mas uma sede imensa de saber, de compreender a mensagem maravilhosa de Jesus de Nazaré, que nem as fraudes, as desfigurações, e as interpolações conseguiram anular.

O Evangelho ou os Evangelhos, no plural, tem sido estudado e examinado no meio espírita com uma visão religiosista, mística, e até igrejeira. Carlos Torres Pastorino, no livro Sabedoria do Evangelho faz uma abordagem histórica, e um exame dos documentos existentes desde o século I - d.C. Além desta obra estar esgotada há muito tempo, seus seis volumes com muitas abordagens esotérica (fechadas - iniciáticas) as vezes se mostra erudita, dificultando o entendimento dos mais simples, nos quais nos incluímos.

Sabemos que não temos nenhuma autoridade moral ou intelectual para fazer tal estudo, mas a nossa intenção primeira é que ele sirva para o nosso uso pessoal. O fato deste trabalho transformar-se em um curso foi mais por iniciativa dos amigos, que nossa.

Nossas fontes serão estudos já existentes e o que ficou sedimentado em nossa mente em 66 anos de vida física, 46 deles dedicados ao Espiritismo.

Nossa intenção em muitas passagens é a de humanizar a pessoa de Jesus, o Cristo grego ou Messias hebraico, para conhecer Jesus de Nazaré, o homem. No dizer de Kardec, o espírito mais perfeito já encarnado neste planeta de expiações e provas, com a missão de iluminar, esclarecer, guiar, e não a de salvar

Apesar de Allan Kardec ter feito um estudo sobre a divindade de Jesus, provando que ele não é Deus, nem mesmo um terço de Deus, o movimento espírita através de encarnados

e desencarnados, tem divinizado a sua figura , copiando parcialmente o Cristo dos altares das igrejas.

Queremos deixar bem claro para quem vier a ler estas páginas, ou eventualmente participar deste curso, que amo e respeito Jesus de Nazaré, homem nascido pelos meios naturais através de um homem e uma mulher, nascido para uma missão, a de ensinar ao homem a descobrir e atualizar o Reino de Deus, que está dentro dele mesmo.

Amílcar Del Chiaro Filho / Guarulhos, janeiro de 2002

Capítulo I - Profecias Sobre o Nascimento do Messias

As pessoas versadas no 1º Testamento (Aliança) firmada entre Jeová, Deus familiar, regional, guerreiro, com Abraão, que os cristãos chamam de Velho ou Antigo Testamento, (Testamento, aqui, tem o sentido de aliança, e não de disposição dos bens para os herdeiros), em razão de que, com o Cristo, dizem eles, teria sido firmada uma nova aliança. Existem algumas profecias sobre o nascimento de um Messias, que seria o condutor do povo judeu para a supremacia política e econômica, no mundo.

Vamos citar apenas três passagens, mas as localizaremos mais adiante. Moisés afirma que Jeová enviará um profeta igual ou maior que ele. Isaías fala de uma virgem que conceberá e dará a luz a uma criança, que se chamará Emmanuel (Deus conosco). Daví escreveu um salmo (Salmo do Messias – salmo 22) 700 anos antes de Cristo e que Jesus teria orado este salmo na agonia da morte. O Salmo começa assim: *Heli, Heli, lema sabachthami. Pai, Pai, por que me desamparaste?* Muitos cristãos colocam em dúvida essa passagem porque consideram Jesus um Deus ou semideus, ou no mínimo um super-homem, ele não poderia fraquejar.

Rui Kremer, num artigo para a Revista dos Militares Espíritas -- O Cruzado — afirma que as duas primeiras palavras são hebraicas e as outras duas aramaicas. Marcos dá os vocativos em aramaico: *Helahi, Helahi, mas só transcreve a pronúncia: Elôi, Elôi.*

Rui Kremer é de opinião que Jesus recitou todo o salmo, pois as palavras Está consumado, se refere, também, ao Salmo do Messias, são as suas últimas palavras. Tetélestai (foi realizado, está consumado) Segundo Rui Kremer o Salmo 22 no início é de desespero, mas no final é de fé, e esperança entusiástica.

A verdade é que todas as vezes que a nação dos hebreus era submetida, a esperança do nascimento do Messias tornava-se uma ansiedade nacional. Lembremos que o Pompeu, General romano, invadiu a Palestina no ano 63 a.C., ocupando militarmente Jerusalém, impondo um governo militar. Instalou seu Quartel General numa das torres do Templo e ali hasteou a Águia Romana, o que era uma afronta para os judeus, como um espinho enterrado na carne.

Da Torre Antônia, onde estavam aquartelados, os soldados romanos tinha visão total do Templo e da cidade. O Templo, mandado edificar por Herodes, o Grande, ainda não estava terminado ao tempo de Jesus. Ele era bem maior que o Templo original, construído por Salomão. (ver as medidas no adendo, nas páginas finais)

As profecias não diziam quando o Messias nasceria, mas apenas que ele nasceria. Jesus, obedecendo uma das profecias, entrou em Jerusalém montado num jumentinho, conforme disse o profeta: Alegra-te filha de Sião, seu rei vem a ti montado num jumentinho...

O nascimento de Jesus foi cercado, posteriormente, de muito misticismo e piedosas lendas, a começar pela aparição do Anjo Gabriel à Maria, anunciando a gravidez milagrosa e o nascimento virginal. Sabemos que tudo isto, inclusive a estrela que surgiu no oriente, os Reis Magos, o nascimento numa estrebaria, tem significados profundos nas doutrinas secretas, (esotéricas), mas não vamos detalhar, porque a nossa intenção é mais objetiva, embora em algumas passagens façamos incursões esotéricas.

Contudo, vamos examinar levemente alguns pontos. A concepção virginal e milagrosa não tem sustentação. Aceitar essa teoria é aceitar que Deus fez leis e depois as contrariou. Ora, o argumento de que Deus pode fazer o que ele quiser, portanto, pode permitir um nascimento fora das leis biológicas do planeta, é insustentável. Como Jesus foi o

primogênito, sua mãe, como qualquer outra mulher judia, era considerada virgem, até o nascimento do primogênito.

Muitas pessoas, mesmo espírita, se espantam quando se fala que José e Maria tinham relações sexuais como qualquer casal que se ama. Porém, herdamos o conceito judaico cristão da impureza sexual, por isso não admitem essa possibilidade. Para elas, sexo é bandalheira, é coisa suja. O sexo é criação divina, e se há conspurcação, essa está na cabeça das pessoas.

Já ouvimos de estudiosos do Evangelho que os espíritos superiores teriam feito uma inseminação artificial em Maria, colocando um gameta masculino em seu útero. De outra pessoa ouvimos que quem teria procedido essa inseminação, foram os extraterrestres. Nada contra. É uma teoria como as outras, mas preferimos a naturalidade do conúbio sexual, realizado com muito amor e respeito.

Um ponto crucial do cenário em que nasceu Jesus, é a estrela que teria guiado os reis magos até Belém. Teria existido essa estrela que andaria à frente dos Magos? Há uma teoria de que a grande estrela seria o resultado da conjunção de três planetas. A posição quase linear dos três astros formaria uma grande estrela. Os astrônomos afirmam que houve essa conjunção na época atribuída ao nascimento de Jesus. Outros estudiosos contestam. Uma parte está facilmente explicada, mas resta a questão da estrela andar à frente dos Magos..

Segundo alguns autores, os Magos seriam iniciados de grande sabedoria, e que tinham os cálculos do nascimento de um grande espírito, mas não há provas de que tenham ido a Belém ou a qualquer lugar onde Jesus pudesse ter nascido. Os nomes pelos quais são conhecidos: Melchior, Gaspar e Baltazar, foram dados a eles 700 anos depois, por um escritor inglês chamado Beda. A tradição cristã ocidental limita-os a três, porém a igreja Síria e Armênia afirmam que eram doze.

Este episódio suscita uma questão muito importante: a matança dos inocentes, que examinaremos um pouco mais à frente, depois do nascimento.

Para um melhor entendimento, vamos examinar a história. Com a morte de Herodes, O Grande, sucedeu-o o seu filho Arquelau, e na Páscoa do ano 4 a. C. houve uma revolta dos judeus porque Arquelau não concordou em destituir o Sumo Sacerdote Joazar. Consta que morreram 3.000 pessoas. Roma, então, dividiu o poder de Arquelau, que ficou reinando sobre a Judéia, a Samaria e a Iduméia. Herodes Antipas ficou com a Galiléia e a Peréia. Filipo, ficou reinando sobre a Batanéia e Traconítide. E Salomé, irmã de Herodes, governou Jamnia, Azoto e Fazelis. Herodes governou de 4 a. C. a 39 d. C. Era cínico, ambicioso e sensual.

Herodes, o Grande, foi nomeado Rei da Judéia pelo Senado Romano em 37 a.C. – era perverso e depravado. Ele foi um títere nas mãos dos romanos. John Drane afirma que a sua ascensão ao poder foi através de intrigas e brutalidades. Sua personalidade era uma combinação de brilho diplomático, com uma estupidez quase inacreditável. Os seus adversários políticos podiam contar com uma morte brutal. Ele matou uma das suas esposas e envolveu-se no assassinato de dois filhos, Alexandre e Aristóbulo. Cinco dias antes da sua morte, ordenou a execução de outro filho, Antípater, que seria o seu sucessor no trono.

A seu favor tem o fato de ter mantido a paz em todo o território, e realizou muitas construções. Foi Herodes, O Grande que iniciou a construção do Templo de Jerusalém. Ele construiu esplendidos edifícios em Jerusalém, Cesaréia e até em cidades fora da sua jurisdição.

No ano 6 d.C. tornou-se a Judéia uma província de terceiro grau, governada por um oficial da classe superior da ordem equestre, que ficava sob o comando do Governo Militar da Síria. Posteriormente os governadores militares romanos da Judéia passaram a ser chamados "procuradores". Foram vários os procuradores romanos na Judéia, e Pôncio Pilatos, o mais famoso de todos eles, devido o episódio com Jesus, sucedeu Grato e foi procurador de 26 a 36 da Era Cristã.

Todas essas informações podem parecer irrelevante, contudo, o que procuramos é a verdade histórica.

As seitas religiosas eram: Fariseus, Saduceus e Zelotas. Além disso havia o Templo, as Sinagogas e o Sinédrio, mas detalharemos no momento em que aparecerem em nossa história.

Obs. Os quatro evangelhos constituem a Vulgata Latina. O Papa Dâmaso incumbiu Jerônimo, que depois foi canonizado, a escolher os textos que seriam consagrados pela igreja. Mesmo assim, o texto não é o definitivo. Embora oficializado pelo Concílio ecumênico de Trento em 1546, dois Papas fizeram modificações. Sixto V – foi Papa entre 1585 a 1590, declarou o trabalho de Jerônimo insuficiente e errôneo, determinou uma revisão em 1590. A revisão que trazia seu nome foi revisada mais uma vez, por ordem de Clemente VIII – que pontificou de 1592 a 1605. Desde então tem sido chamada de Vulgata Sixto-Clementina. Os textos atribuídos a Marcos, o mais antigo, Mateus, Lucas e João, possivelmente foram escritos por outras pessoas, baseadas nas memórias deles. Os textos bíblicos foram escritos sem sinais de pontuação e as palavras se achavam emendadas. Usava-se apenas letras maiúsculas e não existia divisões em capítulos e versículos. As letras minúsculas começaram a ser usadas no século sexto da nossa era. A separação das palavras só no século IX. O primeiro a repartir os livros em capítulos foi o Cardeal Etephen Langton, arcebispo de Cantuária – Inglaterra – em 1214. A divisão dos capítulos em versículos foi introduzida em 1527, pelo dominicano Saintes Pagnino nos livros do Velho Testamento. Foi só em 1551 que o impressor francês Robert Étienne estendeu-a também ao Novo Testamento.

Os Evangelhos atribuídos a Mateus, Marcos, Lucas são denominados Sinopticos, o que quer dizer que podem ser abrangidos num só golpe de vista. O de João é o Evangelho Pneumático (pneuma = espírito – Evangelho espiritual)

Mateus teria escrito baseado nos escritos de Marcos, que era tradutor dos discursos de Pedro, aos que não entendiam o aramaico, (Pedro só falava este idioma), e também nas suas anotações dos ensinamentos de Jesus. Fica claro que Mateus escreveu para os judeus da diáspora, pois é o que mais cita o Velho Testamento.

Lucas afirma que existia muitas histórias sobre Jesus, a quem ele não conheceu. Deve ter se baseado nessas histórias e também no relato de Marcos.

Acredita-se que os Evangelhos foram escritos após a morte de Paulo de Tarso.

(Observações baseadas em Pinheiro Martins – História da Formação do Novo Testamento)

Capítulo II - O Nascimento de Jesus

Não temos nenhuma dúvida quanto ao nascimento de Jesus. Sabemos que ele existiu porque há evidências históricas, e o mundo espiritual assim nos afirma, contudo, sobreexiste dúvidas sobre a data e o local, pois, com relação à magia do nascimento, acreditamos ter esclarecido o suficiente, ao menos para o momento. Herculano Pires, afirma que os Evangelhos foram escritos numa época mitológica, e que era necessário despistar o texto do mito.

Nenhum dos ingredientes sobrenaturais ou mitológicos, aumenta ou diminui a beleza do ato de nascer de um missionário, um avatar de alta estirpe, como Jesus.

Está sobejamente comprovado o erro de cálculo do início da Era Cristã, erro de cerca de 7 anos. O cálculo foi feito pelo Diácono Dionísio, O Pequeno, no ano 525 da nossa era Carlos Torres Pastorino, no livro, Sabedoria do Evangelho, afirma que Jesus teria ao menos 38 anos ao ser crucificado. Outros autores concordam com essa tese. O escritor Jonh Drane, coloca o nascimento de Jesus no ano 5 antes da Era Cristã; O Gen. Milton Orreilly, exegeta, num artigo para a Revista Presença Espírita, de Salvador-BA afirma que o Diácono Dionísio, o pequeno, errou ao estabelecer o início da Era Cristã. Afirma ele que o nascimento se deu no ano 747 da fundação de Roma, e a crucificação no ano 785, portanto ele teria 38 anos quando foi crucificado. $785 - 747 = 38$.

O Evangelista Lucas afirma que no 15º ano do Reinado de Tibério César, João, o Batista iniciou a sua pregação. (Luc. 3: 1 a 6) Mateus (3: 1 a 6) e Marcos, 1: 1 a 6) falam da aparição de João e da profecia de Isaías

(Voz do que clama no deserto; preparai o caminho do Senhor. Endireitai suas veredas...) Tibério sucedeu Augusto que morreu no dia 19 de agosto do 767 da fundação de Roma, 14 da nossa era, quando assumiu de fato o título de César e começou a governar. Portanto, João começou a pregar no ano 28. O batismo de Jesus, antes da Páscoa de 29, com 35 anos. E a sua morte no ano 31 da nossa era, 784 da fundação de Roma, contando

Jesus 38 anos de idade Pastorino informa ainda, que o historiador judeu Josefo, afirma que Herodes morreu nos primeiros meses do ano 4 a. C. após um eclipse da lua, que ocorreu entre 13 e 14 de março do ano 4 a. C. - Pastorino afirma que o nascimento se deu no ano 7 a.C.

Teria Jesus nascido em Belém, no ano I - da nossa era? As profecias rezavam que o Messias nasceria de uma virgem, em Belém, na descendência de David. José e Maria descendiam de David, mas não moravam em Belém. Dizem que houve um recenseamento, e que cada um tinha que ir alistar-se em sua cidade, o que levou José e Maria à Belém.

O censo, segundo alguns autores, ocorreu no ano 6 antes da era Cristã, o que confirmaria as informações anteriores. O recenseamento citado não é o de Quirino - Governador da Síria, que aconteceu no ano 6 e 7 da Era Cristã. Seria, então o censo determinado por Sentius Saturninus, legado imperial na Palestina, realizado de 8 a 6 a.C. O maior problema é que não se conhece determinação dos romanos para o comparecimento dos recenseados na cidade do seu nascimento. Somente 100 anos depois, no Egito, houve a exigência para que os recenseados comparecessem na sede do município.

Era importante que Jesus nascesse em Belém, para ser identificado como o Messias, que significa Cristo, ou ungido. Mesmo não sendo verdade, como provavelmente não é, o nascimento em Belém tem ensinamentos belos e muito interessantes: C.T.Pastorino ensina que o significado etimológico de Belém, é Casa do Pão, e por extensão, Casa do Pão Espiritual. Mais tarde Jesus se referiu a si mesmo como: Eu sou o pão que desceu do céu, portanto, em qualquer lugar que ele nascesse, seria a simbólica Belém espiritual.

Quando Lucas diz com sentimento, no seu Evangelho: ... e não havia lugar para eles; num mundo violento, cheio de misérias, explorações e maldades, não tinha lugar para o nascimento dele. Mais de 2000 anos depois existiria este lugar em nossos corações?

Concluindo que o nascimento não foi em Belém, os acessórios como a estrebaria, a manjedoura, a gruta, os pastores perdem a razão de ser.

Examinemos a visita dos Reis Magos e as suas conseqüências diretas: Herodes sentiu-se ameaçado, porque os Magos procuraram por um Rei, nascido na Judéia, dizendo terem visto sua estrela no oriente. Herodes não deixou transparecer a sua preocupação e pediu aos Magos para voltarem e avisá-lo se o encontrassem, pois, também queria adorá-lo. Os Magos foram avisados por sonhos, que Herodes queria matar o menino, e retornaram por outro caminho para a sua terra. Enraivecido, Herodes mandou passar a fio de espada todos meninos até dois anos de idade, em Belém e arredores. Era uma verdadeira malha fina a que Jesus não escaparia, mas José foi avisado em sonho (mediunidade onírica) e fugiu com o menino para o Egito. O Gen. Milton Orreilly, profundo conhecedor da história evangélica, deduz que Jesus tinha um ano e meio quando se teria dado a matança dos inocentes.

Segundo os evangelistas, José foi avisado em sonho (mediunidade onírica) e fugiu com o menino para o Egito. Com isto se cumpriria a profecia de Oseas: "Do Egito chamei meu filho".

Contudo, não existe nenhum registro histórico deste bárbaro acontecimento, a matança dos inocentes. A única referência é o Evangelho de Mateus. Teria acontecido tal episódio? Possivelmente, não.

Quanto a virgindade de Maria, vale a pena verificar uma teoria de Allan Kardec, publicada na Revista Espírita. Kardec levanta a hipótese de José e Maria terem vindo do mundo superior, para a missão de paternidade e maternidade de Jesus. Espíritos mais perfeitos que os terrícolas, seus perispíritos terrestres, por força da afinidade, teriam sido construídos com os fluidos mais puros, mais sutis do nosso ambiente planetário, e certamente teriam corpos melhores que dos terrícolas, propiciando ao corpo físico de Jesus uma herança genética mais perfeita. Como eles não tinham ligações anteriores com a Terra, eram espiritualmente virgens, isentos de dívidas para com o nosso planeta e seus habitantes.

A escolha da data de 25 de dezembro feita por um frade sábio, é devido esta data, no hemisfério norte marcar a volta do sol após o longo inverno, quando o gelo cobre toda a plantação e a natureza parece morrer. Na antigüidade os povos pagãos comemoravam a volta do sol com a Festa do Sol Invicto, ou a Festa da Mitra, divindade Persa, que vem fertilizar a messe.

25 de dezembro é o Solstício do Inverno. Antes do sol reaparecer surge no céu a constelação de Virgem, e os antigos diziam que a Virgem deu nascimento ao sol e permanece virgem antes, durante e depois do parto. Jesus foi comparado ao que dá a vida. A maior luz que a humanidade já viu.

A Igreja Bizantina, que não obedece o Papa romano, acusou Roma de paganismo, por fixar o natal na data da Festa da Mitra. Isto ocorreu após o ano 300.

Alguns pesquisadores tem colocado a possibilidade de Jesus ter nascido em fevereiro, provavelmente no dia 23. Outros situam o seu nascimento entre 15 de março a 15 de abril, e há quem prefira setembro. Entretanto, em nosso ponto de vista são especulações. Não temos conhecimento de nenhum documento confiável que resolva essa questão.

No livro *Crônicas de Além Túmulo*, de Humberto de Campos, (espírito) pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, tem uma crônica maravilhosa, reproduzindo um diálogo entre Jesus e João, o Evangelista, com título, "A Ordem do Mestre". Vamos apresentar o trecho mais informativo:

" - João, disse-me o Mestre, lembra-te do meu nascimento na Terra?

- Recordo-me, Senhor, foi no ano 749 da era romana, apesar da arbitrariedade do Frei Dionísio, que calculando no século VI - da Era Cristã, colocou erradamente o vosso natalício, em 754."

Aníbal Vaz de Melo, autor do livro *A Era de Aquário*, afirma que foi Paulo de Tarso, que conhecia profundamente o culto Solar da Mitra, que aproveitou a oportunidade para insinuar a adaptação da grande figura de Jesus de Nazaré ao culto astronômico do Sol Invicto. Jesus passou a ocupar o lugar do sol e Maria, sua mãe, o lugar da constelação de Virgem.

Diz ainda o Aníbal Vaz de Melo que quando Jesus nasceu, o sol estava ingressando no signo zodiacal de Piscis, ou peixe, por isso, toda a história do Mestre, no Novo Testamento, está relacionada a água e aos peixes: O batismo (mergulho na água) - A pesca maravilhosa - O Mar da Galiléia - A Piscina de Betesda - A multiplicação dos pães e peixinhos - Jesus anda sobre as águas - a tempestade acalmada e muitas outras. Mas vejam isto: *A palavra grega para peixe é ICHTHYS - e as suas cinco letras são as do título completo dado a Jesus: I esus Christus Theou Yicus Soter*, o que quer dizer: Jesus Cristo filho de Deus Salvador.

Capitulo III - A Infância de Jesus - A Benção da Virilidade

Teria alguma importância saber onde e quando Nasceu Jesus? Apenas a verdade histórica. Provar que ele não é um mito, embora tenha nascido numa época mitológica. Jesus de Nazaré, não é um mito como muitos historiadores pensam, mas um ser real, de carne e osso. Não é, também, um fantasma, como quiseram os "docetista", 200 anos depois do seu nascimento, ou como querem os Roustanguistas, do século XIX na França e no Brasil no mesmo século e na atualidade, por parte de alguns espíritas. Não adianta escolhermos uma data se ele não nascer em nosso coração.

Se o nascimento de Jesus foi cercado de lendas, não menos lendária foi a sua infância. A necessidade de divinização da sua figura, fez com que se criasse fantasias em torno do menino. Os quatro evangelhos não falam praticamente nada sobre a sua primeira e segunda infância. Lucas cita a visita ao Templo e a discussão com o doutores, o que teria sido aos 13 anos para a benção da virilidade. Os Evangelhos apócrifos (apócrifos porque não foram escolhidos por Jerônimo) contam algumas passagens tão interessantes quanto absurdas. Por exemplo: o menino colocar um peixe salgado numa bacia com água e ordenar que voltasse à vida, e o peixe começou a nadar. Noutra ocasião, num sábado, teria feito pardais de argila, e como foi repreendido pelos adultos, porque estava profanando o sábado, ele deu vida aos passarinhos de barro e mandou que eles voassem bem alto) Conta-se, também, que como aprendiz de carpinteiro, era muito útil, pois podia fazer a madeira aumentar de tamanho até o ponto desejado. Alguém disse, também, que quando ele fazia a junção, o encaixe de duas vigas, era tão perfeita a junção que parecia ter nascido assim. (essas informações, exceto a última, estão no livro de A.N.Wilson - *Jesus - Uma Biografia*).

Mesmo no meio espírita, quando se fala da infância de Jesus, é inevitável a adjetivação melosa, como, o divino menino - a Augusta criança, etc.

Ao que tudo indica José fixou-se com a família em Nazaré, embora C.T.Pastorino coloque em dúvida a existência de uma cidade chamada Nazaré ao tempo de Jesus, ou nos primeiros anos do século I - da Era Cristã. Mas, voltemos atrás, logo após o nascimento.

A lei judaica determinava que o primogênito varão fosse consagrado a Deus. Isto queria dizer que deveria ser sacerdote, porém, como esta era uma atividade exclusiva dos filhos da tribo de Levi, os primogênitos das demais tribos eram dispensados da obrigação, pagando resgate de cinco ciclos de prata. Sendo Jesus da tribo de Judá, Maria fez o pagamento isentando-o do sacerdócio.

Maria fez também a oferta pela sua purificação do sangue do parto. Como era pobre, ofereceu um casal de rolinhas. Neste episódio aconteceu o encontro com Simeão e com a profetisa Ana. A esta altura o menino já havia sido circundado, aos 8 dias de vida, como mandava a lei.

A circuncisão era uma medida religiosa, mas de grande inteligência, e importância e higiênica, pois ela consiste no corte da pele que cobre a glândula, (prepúcio). Com a glândula descoberta não se cria ali o "esmegma", uma espécie de sebo, nem se segura resíduos de urina, ficando o indivíduo muito mais saudável.

Foi durante a apresentação do menino para a circuncisão, que houve o encontro com Simeão, um homem muito idoso, que reconheceu o menino como a encarnação do Messias, (Senhor, despede o teu servo, pois os meus olhos já viram a salvação). e também com a profetisa Ana, que previu para Maria muitas dores, como se o seu peito fosse trespassado por uma espada.

Após a apresentação no Templo, a única referência ao menino é que crescia de corpo e espírito. Só volta a ser citado aos 12 anos

Na Revista Educação Espírita, da Editora Edicel, criada por José Herculano Pires, no seu nº 3 trouxe um trabalho de Walter da Silveira Franco (do Grupo de Estudos Pedagógicos de São Paulo), denominado, A Educação de Jesus, tendo como bibliografia, além de Tratados de Pedagogia, Solen Asch, no seu livro Maria, (dados sobre a educação de Jesus, segundo a tradição judaica), há, ali, trechos de grande beleza, mas que fugiria ao objetivo deste estudo. Edouard Schuré, em Os Grandes Iniciados, também fala da educação familiar recebida por Jesus e descreve os hábitos e costumes da época.

Até os 7 anos Jesus foi educado por Maria, recebendo as noções religiosas e históricas do seu povo, e aprendendo as primeiras letras. Aos 7 anos é encaminhado para a Sinagoga onde dá continuidade a sua educação religiosa e à alfabetização.

Quanto a discussão com os doutores e anciãos, Herculano Pires afirma ter sido A Bênção da Virilidade, que todo menino judeu recebe ao completar 13 anos. Segundo Herculano, os doutores da lei e os anciãos sabatinavam os rapazinhos para saber o quanto eles sabiam da história do povo hebreu e das suas tradições. Como o menino de Nazaré demonstrou uma grande sabedoria para a sua idade e a sua condição social e sendo natural de uma pequena cidade da Galiléia, prazerosamente alongaram a sabatina.

Isto não explica o fato de José e Maria não saberem que ele havia ficado no Templo, pois, eles deveriam estarem lá, embora Maria tivesse que ficar no Pátio da Mulheres. Na nossa opinião o relato é parcialmente fantasioso. Outra dificuldade nesse passo do evangelho é que Lucas afirma que o menino tinha 12 anos, e não faz referência, em nenhum momento, à bênção da virilidade. Esta é uma passagem privativa de Lucas. Huberto Rohden e Torres Pastorino conservam os 12 anos para o acontecimento. Pastorino recorre à numerologia e afirma que o 12 é o número dos Messias, dos Enviados.

No entanto, as maiores controvérsias estão após este acontecimento, porque os evangelistas guardam absoluto silêncio do que Jesus teria feito dos 13 aos 30 anos, pela cronologia do evangelho, ou dos 14 aos 32 ou 35 anos conforme as investigações históricas.

Existe um livro muito interessante de Francisco Klors Wernek, Jesus dos 13 aos 30 Anos, que apresenta as traduções de manuscritos históricos, que conta sobre um moço judeu que teria estado em vários templos de diferentes países. O moço corresponderia ao nome e características de Jesus de Nazaré.

Existem muitas hipóteses, e alguns autores, baseando-se em documentos que aparentam exatidão, afirmam que Jesus esteve em várias escolas iniciáticas, no Egito, na Índia, ou mesmo na Judéia, entre os essênios.

Schuré, no livro, *Os Grandes Iniciados*, compara a Doutrina de Jesus com a dos Essênios, e afirma que Jesus foi um iniciado Essênio, galgando os graus iniciáticos com rapidez espantosa. Segundo Schuré, havia uma espécie de ordem terceira, composta por essênios casados, vivendo nas comunidades judaicas. (Ob. Os essênios eram celibatários). Isto explicaria porque Jesus ia de cidade a cidade com os discípulos e sempre encontrava pousada e alimentação.

A nosso ver, baseado em Herculano Pires e outros espíritas, e no nosso próprio raciocínio, Jesus viveu na Aldeia de Nazaré, onde aprendeu o ofício de carpinteiro e construtor, porque os pais judeus faziam os seus filhos aprenderem duas profissões, para que nunca passassem necessidades. Jesus permaneceu em Nazaré até o início do seu ministério, possivelmente aos 32 ou 35 anos.

Nosso ponto de vista é que Jesus não foi iniciado em nenhuma religião. Ora, se ele foi o espírito mais perfeito que se encarnou em nosso planeta, conforme afirma O Livro dos Espíritos, e se ele é o governador da Terra, conforme diz León Denis, em *Cristianismo e Espiritismo*, (Sic) e Emmanuel, em *A Caminho da Luz*, (Sic) tendo presidido a sua formação, evidentemente ele não precisaria de iniciação. Huberto Rodhen também não acredita numa halo iniciação, mas sim, numa autoiniciação. Francisco Klors Wernek. No seu livro, *Jesus dos 13 aos 30 anos*, apresenta evidências sedutoras, com documentos antiquíssimos, sobre as iniciações de Jesus.

Sua educação infantil pode ser aceita, porque, além do espírito ainda não ter domínio completo do corpo, era preciso não chamar muita atenção sobre si.

Capítulo IV - O Batismo de Jesus - A Tentação no Deserto

João, o Batista (o que mergulha) apareceu na Judéia como um profeta popular anunciando a próxima vinda do Messias. De aparência rústica, vestindo desconfortáveis roupas de couro de camelo, vivia no deserto, alimentando-se frugalmente.

Ele profligava os vícios da sociedade judaica, chamando os homens ao arrependimento. Quando perguntavam se ele era o Messias, respondia que não, mas era a voz que clama no deserto, e veio para endireitar os caminhos do Senhor. Após mim, dizia ele, *virá aquele de quem não sou digno de desatar as correias das sandálias*.

Os judeus sabiam, pois estava escrito, que antes da vinda do Messias, viria o Profeta Elias, que não morreu, mas foi arrebatado ao céu num carro de fogo, segundo a crença dos judeus.

A importância de João, o Batista, avulta para o Espiritismo, porque Jesus afirmou que ele era Elias. Sendo Elias, só poderia ser reencarnado, porque o episódio do carro de fogo, foi simbólico, não temos nenhuma dúvida. Se ficar provada a reencarnação de um espírito, estará provada a reencarnação de todos.

Apenas como curiosidade, mas sem afirmar ou negar, lembramos que muitos espíritas do final do século XIX - e início do século XX - acreditavam que Allan Kardec era a reencarnação de João, o Batista e conseqüentemente, de Elias.

O Evangelista Lucas afirma que Jesus e João eram primos, mas quando eles se encontraram à margem do Jordão, no momento em que Jesus quis ser batizado, João não o reconheceu, e o que chamou a atenção do Batista, foi o halo de espiritualidade que emanava do moço galileu, ou segundo outros autores, as suas vestes de iniciado essênio. Carlos Torres Pastorino diz que João reconheceu sim, a Jesus, e por isso se recusou a batizá-lo, afirmando que ele é que deveria ser batizado pelo Messias. Jesus disse a ele que por ora deveria ser assim. Na verdade Jesus precisava ser apresentado publicamente à nação, pois ali estavam, além do povo, algumas autoridades, espíões do Templo, militares romanos e espíões de Pôncio Pilato e Herodes.

Alguns estudiosos consideram que João era essênio, e que o Batismo era uma cópia das abluções rituais destes. Outros autores afirmam que João foi buscar a inspiração para o Batismo na seita pagã dos Baptas, cujos sacerdotes banhavam-se com água perfumada, antes de officiar os rituais dedicado à deusa Cotito, a deusa da torpeza.

Segundo Edouard Schuré, no livro Os Grandes Iniciados, João não era iniciado essênio, mas profeta popular que pregava a vinda do Messias como vingador e justiceiro, e muitos dos seus seguidores estavam dispostos a pegar em armas contra os romanos.

O Batismo, ou Mergulho, tinha o significado de uma nova disposição de vida, o arrependimento dos erros cometidos, , preparo para uma nova sociedade que deveria ser instalada com o Messias. João batizava somente adultos.

Como já falamos, João era de personalidade forte e atacava com duras palavras os fariseus e os saduceus, chamando-os de hipócritas e raça de víboras. Para ser batizado era preciso que o candidato se arrependesse dos seus pecados e se dispusesse a mudar de vida.

Existe uma controvérsia se João foi ou não essênio. John Drane, autor do livro, Jesus, e Schuré, acham que não. Carlos Torres Pastorino afirma que sim. Há, também, uma suposição não confirmada, que ele foi adotado, quando ainda criança pela comunidade do Quinram, comunidade essênia, localizada no mesmo deserto onde João viveu e pregou.

Durante o Batismo de Jesus, teria acontecido fenômenos mediúnicos, como a aparição de um espírito em forma de pomba, e a voz, que disse: Este é o meu filho amado, em quem coloco todo a minha complacência. Este episódio provoca algumas dúvidas: havia muitas pessoas junto à margem do Jordão onde João batizava, se aparecesse um espírito ou se ouvisse uma voz no espaço, haveria, certamente, uma comoção e até pânico. Acreditamos que se houve essas manifestações, foi no íntimo de João, no seu psiquismo.

Mesmo assim, pouco tempo depois, já no cárcere, João manda dois discípulos perguntar a Jesus se ele era o Messias ou se deveriam esperar outro. Comentaremos este passo no momento adequado.

As personalidades de João e Jesus eram bem diferentes. João era duro, implacável. Falava de castigos, punições, proibia, condenava largamente. Jesus era manso, pronto a perdoar. Não condenou Madalena, nem a mulher que lavou seus pés com as suas lágrimas. Convivia com ladrões, publicanos e com pecadores.

É importante ressaltar que João dizia: Eu vos batizo com água, porém, após mm virá aquele que vos batizará com o fogo e o espírito.

Retiramos a palavra santo, porque não existe no mundo, nenhum documento antigo sobre Jesus, que tenha a palavra "santo" adjetivando a palavra espírito. Foi Jerônimo, ou São Jerônimo, autor da Vulgata Latina, que acrescentou Santo depois de Espírito. Pinheiro Martins afirma que as escrituras diziam espírito bom.

Para os espíritas a morte de João, (reencarnação de Elias), por degolamento, foi o resgate do ato do antigo Profeta, ao ordenar a morte de 400 sacerdotes do deus Baal.

Carlos Torres Pastorino, tem uma interessante interpretação para este fato. Diz ele, que as crianças degoladas por ordem de Herodes, o Grande, foram os judeus que obedeceram a incitação de Elias para matar os sacerdotes. Argumenta que foram degolados ainda crianças porque tinham menos responsabilidades. João foi supliciado adulto, porque foi o incitador, o mentor da crueldade.

Os nomes Fariseu e Saduceu aparecerá muitas vezes neste nosso estudo, portanto, vamos defini-los agora: Fariseus = separados - Eram cerca de 6.000 ao tempo de Jesus. Obedeciam rigorosamente a lei. Evitavam os impuros e acreditavam na sobrevivência da alma e na ressurreição. Tornaram-se detalhistas e hipócritas. Saduceus = de Sadoc, sacerdote do tempo de David. Era mais um partido político do que religioso. Eles formaram, 200 anos a.C. , um Conselho que dirigia toda a nação judaica. Um século depois os Fariseus conseguiram se introduzir nesse Senado, que passou a chamar-se Sinédrio.

Os Fariseus eram adversários dos Saduceus, porque estes, para não perder seus cargos, submetiam-se servilmente aos dominadores estrangeiros. Os Saduceus não acreditavam na sobrevivência da alma, nem nos anjos, e admitiam somente a lei escritas, recusando a tradição oral.

Quando João foi questionado pelos sacerdotes, que enviaram mensageiros para perguntar se ele era o Cristo, ou um profeta, ou Elias, a resposta foi não. Isto faz o deleite dos adversários da reencarnação, porém, era natural que ele não soubesse ter sido Elias, pois, como todos, ele passou pelo processo do esquecimento. Contudo, Jesus muito superior a João, sabia claramente que ele foi Elias. Cabe neste passo, as palavras de Krishna a Ajurna, no Bagava-gita: Tanto eu como vós, temos tido vários nascimentos. Os meus, só de mim são conhecidos, porém vós, nem mesmo os vossos conheceis.

Lembremos da afirmativa de Jesus, QUE, DOS NASCIDOS DE MULHER, João é o maior, mas o menor no Reino dos Céus é maior que ele. Filho de Deus, Filho do homem, e filho de mulher são graus iniciáticos. João, como nascido de mulher, ainda tinha dívidas para com o planeta, e muito a aprender.

Outro fator que precisa ser levado em conta, é que João até poderia saber que fora Elias, mas respondeu de acordo com a pergunta: Tu é Elias? Não. Sou João. Ele foi Elias em outra reencarnação. Agora era João.

Após o Batismo Jesus retirou-se para o deserto, onde, segundo o Evangelho, permaneceu em jejum e orações durante 40 dias.

Carlos Torres Pastorino e Schuré nos dão uma interpretação esotérica, ou oculta, para essa passagem das tentações. Nenhum dos dois aceitam que o diabo, como ser real, tenha realmente tentado a Jesus. Pastorino coloca que foi a luta entre a individualidade e a personalidade, matéria contra o espírito. Diz Pastorino: após o mergulho na água (líquido amniótico), o espírito é levado ao deserto (aos embates da Terra), para ficar em contato com as feras (homens ferozes, involuídos, pequenos, atrasados, egoístas). Talvez, até aí, Jesus não soubesse que era o Messias, ou como cumpriria a sua missão.

Contudo, é em Jonh Drane, no livro, Jesus, que encontramos belíssima explicação, aliás, parecida com a de Schuré, porém, menos metafórica, mais simples.

Jesus sabia que tinha três modos de cumprir a sua missão, sem envolver-se com o sofrimento, porém, sabia também, que aquelas não eram a vontade do Pai.

A primeira proposta, ou tentação, era fazer da Judéia uma nação rica, onde não existisse fome ou pobreza, onde não faltasse o pão para ninguém, e as necessidades de cada um seriam satisfeitas. Pedras se transformariam em pão, isto é, a produção de alimentos seria muito grande. Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra saída da boca de Deus. Disse uma voz dentro do seu coração.

A segunda tentação seria atirar-se do pináculo do Templo, no meio do povo, sem ferir-se. Isto seria uma prova de que era o escolhido. Os judeus tinham o hábito de pedir sinais. Havia uma velha profecia no Antigo Testamento, que o Messias apareceria de repente, e de forma dramática no Templo. Jesus rejeitou a idéia, porque dentro dele uma voz voltou a se fazer ouvir: Não tentarás o Senhor teu Deus.

O terceiro modo era o mais sedutor, por ser o que a maioria dos judeus queria. Eles esperavam um Messias político. Eles acreditavam que o governo da Terra seria entregue aos judeus. A tentação seria: adora-me e te entregarei todos os reinos, todas as nações do mundo. O adora-me, logicamente se refere adorar o poder, o mando. Mas a voz soou mais uma vez em seu coração: Somente Deus deve ser adorado.

É pena que a visão aguda de Jonh Drane, não evitou que ele visse um demônio real como tentador.

Mas vamos arrematar com uma colocação belíssima de Edouard Schuré, no livro, Os Grandes Iniciados:

- Por que sinal vencerei?
- Pelo sinal do Filho do Homem.
- Mostra-me esse sinal.

Então, uma constelação brilhante surgiu no horizonte. Ela tinha quatro estrelas em forma de cruz. O galileu reconheceu o sinal das antigas iniciações, familiar ao Egito e conservada pelos essênios.

Depois, um monte emergiu na planície. Era um monte despido de vegetação, nele havia três cruces fincadas, e o moço galileu reconheceu-se crucificado na cruz do meio. Esta era a vontade do Pai, o sacrifício pessoal para deixar o exemplo.

Capítulo V - Os Primeiros Discípulos - O Festim das Bodas

Após a sua estada no deserto, para ser tentado, segundo os evangelistas, ou para eleger as suas prioridades e como desenvolveria a sua tarefa, segundo o nosso ponto de vista. João ao vê-lo passar junto ao Jordão, exclamou: - Vejam ali o cordeiro de Deus. O jovem João, e André, discípulos do Batista, sentiram-se irremediavelmente atraídos por

Jesus, e seguiram-no, incentivado pelo Batista. Torres Pastorino criou este diálogo. Jesus volta-se e pergunta:

- Que desejais?
- Mestre, onde moras?
- Vinde e vereis.

Mestre = igual a Rabi, em hebraico-talmúdico, era o título oficial reservado aos doutores da lei, mas era dado por respeito, delicadeza, e por admiração a alguém mais sábio.

No dia seguinte foram chamar Simão, irmão de André, que Jesus chamou de Cefas = Pedro. Depois outros discípulos foram chegando, num total de 12. Entretanto, o número de seguidores era maior, 72, que Jesus mandou em duplas num dado momento, pregar nas cidades vizinhas.

No seu ministério, Jesus e os seus discípulos iam de aldeia em aldeia, de cidade em cidade. Sustentavam-se com as esmolas recebidas, pois o grupo não exercia atividades remuneradas. Ao que parece algumas mulheres ricas, como Joana de Cusa, Maria de Magdala patrocinavam a causa do moço Galileu. Se aceitarmos que Jesus era um iniciado essênio de alta estirpe, certamente encontrava casas de essênios não celibatários, onde era acolhido fraternalmente. No entanto, preferimos ficar com a idéia de que Jesus não foi um alo-iniciado, (exterior) e sim um autoiniciado (interior).

Não vemos motivo de escândalo se o grupo fosse sustentado por mulheres ricas e eventuais esmolas de simpatizantes. Também não podemos esquecer que Pedro e João eram sócios de Zebedeu numa empresa de pesca e deveriam usufruir algum lucro, mesmo não trabalhando.

O primeiro ato público, ou milagre de Jesus vem narrada por João, no capítulo 2: 1 a 11 do seu Evangelho - As Bodas de Caná. Não vamos relatar como está no Evangelho porque basta lê-lo. Vamos narrar o fato baseado em Carlos Torres Pastorino, no Sabedoria do Evangelho. Jesus vai com sua mãe, irmãos e irmãs e os seus quatro primeiros discípulos: João, André, Pedro e Natanael, numa festa de casamento, de família amiga. As festas de casamentos, de conformidade com as condições econômicas da família, duravam de três a oito dias. Faltou vinho e Maria mandou os criados encherem 6 talhas de pedra com água e Jesus transformou a água em vinho.

Quando Maria foi dizer a Jesus que o vinho havia acabado, Jesus parece tratá-la com indiferença, dizendo: - O que nos importa isso a mim e a ti? A minha hora ainda não chegou.

Maria não insistiu; afastou-se. Pastorino afirma que as talhas ou tinas, ou tonéis, vasilhas próprias para as abluções rituais, ou para lavar as mãos, e pratos, suportando de duas a três "metretas" cada uma, o que significa, segundo o mesmo autor 75 a 120 litros cada uma.

Cheias as talhas de pedra, Jesus manda um dos criados levar uma amostra ao presidente do banquete, que fica muito admirado, pois o vinho era muito superior ao já consumido.

As Bodas, é um dos mais belos símbolos do Evangelho, e que aparece em algumas passagens e pode ser interpretada assim: o espírito reencarnado, ao vencer as suas inferioridades e tomar conhecimento da verdade, celebra as suas núpcias com a luz, passa a ser um cidadão do universo.

Torres Pastorino diz: No Jardim Fechado (Galiléia) realiza-se as bodas em Caná - Qanâh (Caniço) planta que nasce reta para o alto, como uma flecha que está para ser disparada verticalmente. É a flecha da oração que elevará as vibrações, partindo do jardim fechado (interior do homem)

Pedra - exprime a interpretação literal das escrituras.

Água - significa a interpretação alegórica dessas mesmas escrituras.

(Moisés feriu a pedra com o seu cajado e dela saiu água. Êxodo 17: 6)

Vinho - é a sabedoria profunda, o sentido simbólico, místico e espiritual, que inebria os sedentos da verdade, e alegra o coração. Quando a Doutrina está adulterada, Isaías diz: O teu vinho está misturado com água. (Isaías 1:22).

A passagem das Bodas pode ser entendida como acontecimento real, e tida como milagre, ou no seu sentido esotérico (fechado): O povo hebreu bebia da água vertida da

pedra (escrituras), dada por Moisés, ou bebiam das doutrinas inferiores, (vinho ordinário). Contudo, Jesus usando as mesmas escrituras (talhas de pedra cheias água), transformou-a em vinho excelente, ou seja, transformou ensinamentos alegóricos em ensinamentos puramente espirituais, cheios de sabedoria. Os convivas ficaram ébrios de felicidade.

Após as Bodas em, Caná (200 metros acima do mar), Jesus vai para Cafarnaum (Cidade do Consolador) - 200 metros abaixo do mar Mediterrâneo), com a família e os quatro primeiros discípulos. Pastorino cita os nomes dos quatro irmãos de Jesus: Tiago, José, Simão e Judas. O nome de suas irmãs não foram revelados. De Cafarnaum ele vai para Jerusalém, para a Páscoa dos judeus. (Páscoa = Passagem e é comemorada com pão ázimo, sem fermento) O ano é 29 d.C. - 782 da Fundação de Roma. Jerusalém (Visão da Paz), fica a 780 metros acima do nível do mar Mediterrâneo, daí a expressão: subir a Jerusalém.

" A. N. Wilson - no livro - JESUS - Uma Biografia" - interpreta assim: As talhas judaicas são a velha Israel e continha algo que era refrescante e nutriente, água, e purificante também, mas não capaz de embriagar. O próprio Jesus é o novo vinho, enchendo as talhas. Deus está fazendo uma nova Israel. O que fora meramente ritual vazio - lavar-se com água antes de comer, lavar as panelas especificadas na ocasião especificada e da maneira especificada - torna-se algo inteiramente novo: uma embriaguez com Deus vivo.

Os quatro evangelistas narram a expulsão dos mercadores do Templo. João coloca no início do seu Evangelho, no capítulo 2: 14 - que corresponde à primeira viagem à Jerusalém. Marcos coloca no capítulo 11: 15 - Lucas no capítulo 19: 45 e Mateus no 21: 12. Pastorino considera que João é quem está certo, colocando a passagem no início da vida pública de Jesus, e não na semana da sua prisão.

O Templo de Jerusalém tinha vários pátios, mas os vendedores ficavam no Adrio, único lugar onde podiam ficar os "gentios" (os não judeus). Alinhavam as bancas no pórtico, e ali vendiam bois, ovelhas, pombos, farinha, bolos, incenso, óleo, sal, vinho. Havia, também, os cambistas que trocavam o dinheiro grego - dracma - e o romano - denário - por siclos judeus, única moeda aceita no Templo. A troca era com ágio. Todos os vendedores e cambistas pagavam porcentagem aos sacerdotes. O Rabi Simeão Ben Gamaliel, queixa-se dos altos preços extorsivos cobrados pelos vendedores do Templo. Outro hábito a que Jesus se insurgiu, foi o de atravessarem o Templo para encurtar caminho, as vezes carregando mercadorias.

Os evangelistas narram que Jesus ficou indignado fez um chicote (azorrague), com cordéis e espantou os animais, derrubou as mesas dos cambistas, espalhando as suas moedas pelo chão. Indignado, dirigiu palavras candentes aos mercadores, e impediu que os transeuntes cortassem caminho por dentro do Templo, carregando objetos. Jesus citou Isaías 56: 7 - Minha casa será chamada casa de oração para todas as nações. E também a Jeremias 7:11 - quando esse profeta exorta os israelitas a melhorarem suas vidas, pois, se continuassem a roubar, matar e mentir, entrando no Templo com os seus crimes, " esta casa que é chamada de meu nome, se tornaria a vossos olhos um covil de salteadores. Muito mais tarde é que os discípulos se lembraram das palavras do salmo 69:9 "O zelo da tua casa me devorará". Ou (O zelo da tua casa me devorou)

Muitos espíritas não acreditam que Jesus tenha feito tal coisa. Tendo Jesus como modelo perfeito de bondade, não poderia jamais agredir ou prejudicar alguém. Aceitam, quanto muito, que as suas palavras tiveram o efeito de chicotadas. Não pensamos assim, pois a bondade não dispensa a energia. Além disso, os evangelistas não afirmaram que Jesus bateu em alguém com o chicote, mas que fez um chicote e espantou os animais. Nem sempre complacência é bondade. Jesus era um moço forte, másculo, e jamais teve medo do que quer que fosse.

Não façam do Templo casa de negócios, covil de ladrões. Infelizmente aqueles que se intitulam a Igreja do Cristo, não levaram a sério as suas palavras.

Torres Pastorino faz uma abordagem esotérica, que podemos resumir assim: nosso corpo é o nosso Templo, ou Templo do Espírito. Por ser um veículo inferior tem desejos e necessidades inferiores. Quer trocar o prazer espiritual, a elevação do espírito, por sensações animalizadas, e para isto ele vende as coisas santas do espírito (Simonia), compra prazeres, troca sensações, e acha tudo isso muito natural. O espírito é ainda fraco, conivente (como os sacerdotes judeus) permite o abafamento das potencialidades

superiores, para melhor gozar as coisas inferiores. Eis que o espírito desperta e reage com um chicote (energia), expulsa os animais e os cambistas que trocam o Reino dos Céus pelos interesses ilusórios do mundo. O espírito precisa ser enérgico e vencer as tendências inferiores, e não se acomodar a elas. Pode acontecer e tem acontecido, que após a reação espiritual, depois de algum tempo o espírito se acomoda e deixa retornar todos os mercadores e cambistas, e volta a conviver com eles embora tenha, de quando em quando, algumas crises existenciais.

Capítulo VI - A Conversa Com Nicodemus

João 3: 1 a 15 narra com pormenores, o diálogo que Jesus teve com Nicodemus, membro do Sinédrio e Mestre em Israel. O texto da oportunidade a várias interpretações. Mais uma vez recorremos a Torres Pastorino, Huberto Rodhen e Edouard Schuré. Embora os três tenham uma visão profunda e completa da missão de Jesus, colocam-se em posições diferentes. Vamos incluir também a interpretação espírita.

Começemos pelo Espiritismo. Nós, os espíritas, vemos nesta passagem a confirmação da reencarnação. Na verdade podemos interpretar restritivamente assim, mas, é apenas uma face do transcendental diálogo. Ficam, porém, algumas dúvidas. Se Nicodemus era Mestre em Israel, deveria conhecer a reencarnação, pois, o historiador Josefo, escreveu que os fariseus ensinavam que as almas são imortais, e que as justas, passam depois desta vida a outros corpos.

Concordamos que o ponto de vista espírita satisfaz inteiramente o raciocínio, porém, há muito mais a ser explorado, e por isso não vamos parar aqui, mas ir adiante. Contudo, queremos desde já, registrar a absurda tese das igrejas cristãs, que afirmam que Jesus se referia ao Batismo instituído por João. Allan Kardec, em *O Evangelho Segundo O Espiritismo*, afirma que os antigos acreditavam que a água era o elemento gerador absoluto. "*Que as águas produzam animais viventes, que nadem na água, e pássaros que voem sobre a terra e debaixo do firmamento*". Deste modo, não quer dizer água do batismo. Todo o capítulo 4º de o E.S.E. é voltado para a argumentação da necessidade da reencarnação.

Todos os comentários que lemos, inclusive Rohden e Schuré, concordam que a entrevista de Nicodemus com Jesus, se deu durante as horas avançadas da noite, Porque Nicodemus não queria que o encontro se tornasse público, temendo, possivelmente, o juízo do Sinédrio. Torres Pastorino refuta essa hipótese, mas, isto veremos mais à frente.

O encontro se dá entre dois personagens apenas: Nicodemus e Jesus. Não havia testemunhas. O Senador judeu teria sido covarde? Justamente ele, cujo nome grego, Nicodemus, significa o Vencedor do Povo? Como o jovem João poderia ter tomado conhecimento do fato? Simples! Segundo Torres Pastorino, a entrevista teria se dado no plano extrafísico, isto é, durante o sono, em desdobramento, por isso oculto dos demais homens, e testemunhado por João, também em desdobramento.

O jovem João, tinha grande amor e admiração pelo seu Mestre, por isso gravitava em torno dele, mesmo fora do corpo, e pôde testemunhar esse diálogo transcendental entre Jesus e Nicodemus.

Pastorino, na análise do diálogo coloca coisas muito interessantes. Por exemplo: O que é nascido da carne e o que é nascido do espírito, como dois acontecimentos diferentes. Na carne renascem os espíritos que estão sujeitos ao Carma, ou Lei de Causa e Efeito, individual, grupal, coletivo ou planetário. Precisam renascer da carne porque suas vibrações são densas. O que nasce do espírito se liberta, se eleva a planos superiores. Pastorino coloca um simbolismo interessante dizendo que Adão seria a alma vivente (que vive). Cristo, o espírito vivificante, (que dá a vida). Passou do estado humano ao espiritual. Deixou de ser nascido da carne para ser nascido do espírito.

Jesus cita no final do diálogo, a Moisés, que ergueu a serpente no deserto, e que ele também deveria ser suspenso. A serpente, segundo Pastorino, simboliza a inteligência, ou o intelecto. (veja a tentação de Eva pela serpente). Quando a serpente é elevada verticalmente, significa, a mente espiritual. Jesus foi suspenso na cruz da matéria (horizontal sobre a vertical). Só depois de elevada na cruz, pode essa serpente conquistar o Reino dos Céus. Para viver o Reino de Deus, temos que nascer de novo como filhos de Deus.

Amílcar D.C. Filho, considera o simbolismo da cruz como um dos mais belos ensinamentos de Jesus. A cruz, composta de duas traves, tem na horizontal, os cuidados deste mundo, como, o que comer, o que vestir, onde morar, trabalho, escola, assistência médica, lazer, família e tudo o que compõem a vida material, que não é desprezível, nem condenável, quando conquistados honestamente. Estamos crucificados aos deveres. A trave vertical representa nossas aspirações superiores, a nossa busca do Reino de Deus. Sendo vertical ela aponta para o firmamento e nos leva para o infinito, como a flecha da oração (Caná= caniço). Entretanto, sua base está fixada no solo, pois, podemos ter a mente nas estrelas, mas o nosso lugar, neste momento, é aqui na Terra. Só seremos lançados para o espaço quando as coisas da matéria se tornarem naturais, e não mais mentirmos, roubarmos, matarmos, fraudarmos, odiarmos para possuí-las. Quando compreendermos que tudo pertence a Deus, e somos simples usufrutuários desses bens. Que, quando os recebemos em qualquer quantidade, somos apenas mordomos, desses bens, e devemos aprender a distribuí-los com sabedoria.

Huberto Rodhen, separa o que ele chama Fatos e Valores. Ele situa a reencarnação como fato, mas não como valores. Diz ele que o que nasce da carne é carne, é corpo físico, mas é produzido por terceiros. Para alguém nascer é preciso que um homem e uma mulher produzam um corpo. O Reino de Deus, o nascer espiritual, não pode ser produzido por terceiros. É algo que o ser produz dentro de si, pelo poder do seu livre arbítrio. Diz Rohdem, que a função do Mestre é indicar ao discípulo o caminho para o nascimento espiritual.

Torres Pastorino, na análise deste passo do Evangelho, estranha que os tradutores, traduziram a palavra "pneuma", quatro vezes por espírito, e uma vez por vento. Na verdade, diz ele, o espírito sopra onde quer (atua - age) e não se sabe de onde veio, (sua última reencarnação) nem para onde vai (próxima reencarnação).

Edouard Schuré, em Os Grandes Iniciados, considera que o diálogo de Jesus com Nicodemus se refere ao Batismo, mas esclarece que o Batismo da água representa a verdade percebida intelectualmente, abstratamente, de uma forma geral. A água purifica a alma e desenvolve o seu germe espiritual. A renascença pelo espírito, ou o Batismo pelo fogo (celeste), significa a assimilação dessa verdade, pela vontade, de tal modo que ela se torne o sangue e a vida, a alma de todas as ações. O Batismo pela água é o começo da renascença. O Batismo pelo espírito é a renascença total. São dois graus da iniciação.

Cairbar Schutel, no livro - Parábolas e Ensinos de Jesus, esclarece: Não é bastante nascer da água, não basta tomar um corpo de carne neste mundo e nascer aqui, não basta nos encarnarmos aqui nesta Terra, precisamos principalmente "nascer do espírito"; por isso o Mestre acrescenta no versículo 6: o que é nascido da carne é carne; o que é nascido do espírito é espírito. Quando visitou o Mestre, Nicodemus já havia nascido da água; mas não havia nascido do espírito.

Capítulo VII - A Mulher Samaritana

Este é um dos mais lindos passos do Evangelho, e é privativo de João, no capítulo 4: 4 a 30. Vamos aproveitar os esclarecimentos dados por Carlos Torres Pastorino, no livro - Sabedoria do Evangelho, porém, vamos abordar uma versão mais simbólica ou esotérica, fechada, mesmo reconhecendo que os elementos objetivos sejam importantes.

Para compreendermos essa passagem em profundidade, precisamos conhecer elementos históricos que deram nascimento a animosidade entre judeus e samaritanos. Essa inimizade era tão forte, que eles não se falavam, sequer se cumprimentavam. Não sabemos muito sobre as razões históricas, mas o que sabemos até agora é que, as 12 tribos que compunham a nação, se separaram devido a sucessão de Salomão.

Quando o Rei Salomão morreu, dois dos seus filhos pretendiam o trono. Dez tribos apoiavam um deles, e duas o outro. Houve um "cisma" seguido de luta, e as dez tribos se afastaram e fundaram o Reino de Israel, ou a Samaria. Herodes, o Grande, fez ali grandes construções e denominou-a Sebastes, (Cidade da Samaria). Outros povos não judeus se agregaram à região, que pelo seu crescimento passou a ser um Reino separado da Judéia.

A rivalidade, que nasceu com a sucessão de Salomão, portanto, muito antiga, aumentou com o retorno do povo judeu e samaritano que ficaram alguns séculos

escravizados na Babilônia. Quando Dario, o rei Persa derrotou a Babilônia, permitiu que os judeus retornassem ao seu país, um dos primeiros grupos a retornar, foi liderado pelo sacerdote Zorababel, e dele fazia parte judeus e samaritanos.

Em Jerusalém, encontraram o Templo de Salomão completamente destruído e iniciaram a sua reconstrução, porém, os companheiros de Zorababel não aceitaram a participação dos samaritanos na reconstrução. Mais tarde expulsaram Manassés, sacerdote samaritano de Jerusalém, e este liderou a construção de um Templo tão rico e tão belo quanto o de Jerusalém, embora menor, tendo um clero regular, no Monte Garizim, na Samaria. Deste modo, os samaritanos ficavam isentos de terem que ir a Jerusalém cumprir suas obrigações rituais.

O Templo do Monte Garizim foi destruído 129 anos a.C. - numa das batalhas, pelo rei dos judeus, João Hircano. Entretanto os samaritanos continuaram cumprindo os seus rituais nas ruínas do Templo.

Jesus estava na Judéia (que significa louvor a Deus) e resolveu voltar para a Galiléia (jardim ou horto fechado). Não era a primeira vez que ele fazia isto, mas, desta vez tomou um caminho diferente, caminho que passava por terras samaritanas. Os discípulos não sabiam porquê, mas não ousavam perguntar.

A verdade é que Jesus tinha um encontro marcado no espaço e no tempo, com uma mulher. Ela não sabia, mas ele sim. Cerca de meio dia, região muito quente, a pequena comitativa pára junto ao Poço de Jacó, e Jesus envia os discípulos à cidade próxima para comprar provisões. Senta-se à sombra e espera.

A mulher não sabia, contudo, era alguém pronta a receber a iniciação superior (quando o discípulo está pronto, o Mestre aparece). A mulher samaritana (alma vigilante) descia diariamente ao poço do coração, porque sabia intuitivamente, que um dia o Mestre dos mestres, apareceria. Naquele momento toma a sua "bilha" de barro", a corda, e encaminha-se para o poço, o único existente numa área de vários quilômetros. Ali chegando amarra a comprida corda (39 metros) no cântaro e desce-o, olhando aquele moço judeu com o canto do olho. Quando ela já estava puxando a vasilha cheia para a borda, ouviu:

- Mulher, dá-me de beber! - disse Jesus incisivo.
- Como sendo tu judeu, pede água a mim, que sou mulher samaritana?
- Se soubera o Dom de Deus e quem é aquele que te diz, "dá-me de beber", tu lhe terias pedido e ele te daria a água viva.
- Senhor, não tens com que a tirar e o poço é fundo, donde, pois, tens essa água viva? És tu, por ventura, maior que o nosso Pai Jacó, que nos deu este poço, do qual bebeu ele e os seus filhos e seu gado?
- Todo que bebe desta água, tornará a ter sede, mas quem beber da água que eu lhe der, se tornará nele uma fonte de água para a vida imanente.

O diálogo prosseguiu entre Jesus e a espantada mulher, que pediu da água para não mais ter que retirá-la do poço. (lei do menor esforço). Esta é a posição da maioria das pessoas que procuram nas religiões meios de melhorar de vida, de curar doenças e de não sofrer. Mesmo no movimento espírita, um grande número de pessoas vão ao centro para curar doenças, afastar obsessores, conseguir emprego, ser feliz. A maioria não sabe, ou finge não saber, que a felicidade é construção íntima e não pode ser adquirida exteriormente.

Jesus usou o simbolismo da água porque ali era uma região árida. Quem beber da água do conhecimento nunca mais terá sede e será uma fonte de ensinamentos e consolações para quem precisar. É a água transformada em vinho, que sacia a sede e embriaga de conhecimento e felicidade.

Jesus mandou que ela fosse chamar o seu marido e ela disse que não tinha marido. O moço Galileu respondeu que cinco maridos ela teve e que o homem com que, ela vivia não era seu marido. A mulher ficou pasmada e disse que ele era profeta (médium). As pessoas precisam sempre de coisas inusitadas para acreditar.

Os cinco maridos, e o homem com quem ela vivia, sem ser seu marido, não tem o significado de esposos ou amantes, mas sim, cinco grandes religiões da humanidade, que ela desposara em suas diversas reencarnações, e com nenhum deles aconteceu o verdadeiro sponsalício, isto é, as Bodas do espírito imortal com a verdade superior e eterna. Nem

mesmo a situação que ela vivia naquele momento, o judaísmo, na condição ou ótica samaritana.

A. N. Wilson narra no seu livro *Jesus - Uma Biografia* - que no ano 605 antes da Era Cristã, cinco tribos da Babilônia se estabeleceram em Samaria, trazendo consigo seus deuses tribais. Tais indivíduos, com o passar do tempo, embora não abandonando inteiramente os próprios deuses babilônicos, passaram a adorar, também, Jeová. Devemos considerar a mulher samaritana como um símbolo de Samaria, os cinco inúteis maridos como os cinco deuses trazidos da Babilônia por seus ancestrais, sendo o verdadeiro marido da sua alma o homem ao seu lado, que lhe oferece a água da vida eterna?

Na verdade as religiões não podem salvar ninguém. Foi por esse motivo que Jesus afirmou que Deus procura aqueles que o amam em verdadeiro espírito, sem interferência da matéria, da emoção ou da sensibilidade. É a conquista da consciência cósmica.

O restante da passagem não desperta em mim o mesmo interesse, a não ser quando Jesus diz aos seus discípulos que eles colhem o que outros plantaram, porque a semente da verdade já vinha sendo feita há milênios, pelos grandes missionários que encarnaram na Terra, como, Rama, Crisna, Hermes Trimegisto, Abraão, Moisés, Buda, Sócrates, Platão, Pitágoras e tantos e tantos outros.

Examinemos, na visão de Pastorino, alguns pontos importantes: A mulher samaritana descia diariamente ao poço do coração e ali encontrou o seu Cristo interior. Confabulou com ele e descobriu que Deus deve ser adorado em verdadeiro espírito, e não em templos de pedra, mesmo que ajazado de ouro. Não existe santuário mais próprio que o coração do homem para adorar a Deus.

Cairbar Schutel, no livro, *Parábolas e Ensinos de Jesus* - destaca as palavras de Jesus: o "dom" de Deus, é mais do que judeu, é mais que samaritano, é a luz que nos guia para a verdade. Que essa luz não é privilégio de castas, de seitas, de famílias. Jesus, sendo judeu de nascimento e afirmando que não era verdadeira a adoração no Templo de Jerusalém, assim como não era o Monte Garizim

Vale registrar que Carlos Torres Pastorino, baseado, não sabemos em quê, afirma que João Evangelista era a reencarnação de Samuel, e a mulher samaritana, 15 séculos depois, reencarnou como Teresa D'ávila, a única mulher que recebeu o título de Doutora da Igreja.

Capítulo VIII - Visita à Nazaré e Outros Ensinamentos

João, no capítulo 4: 43 e Lucas no Cap. 4: 16 relatam que ao voltar a Galiléia, Jesus foi bem recebido, pois muitos galileus estiveram em Jerusalém e viram os acontecimentos já narrados. Lucas é quem dá mais detalhes, dizendo que Jesus chegou à Nazaré possivelmente numa sexta feira, e no sábado foi à Sinagoga, como sempre fazia, pois, afinal de contas ele era israelita e cumpria os preceitos da sua religião. Fica evidente que ele nunca fundou uma nova igreja, mas manteve-se fiel ao judaísmo, na sua essência.

Na Sinagoga foi lhe dado o lugar de honra, por ser um visitante ilustre, pois seus feitos, curas e pregações e o antecederam. Pode ser, também, que ele apenas se valeu do direito de falar por ser judeu, como prefere alguns autores. O certo é que ele recebeu o "Rolo" sagrado das mãos do auxiliar e abriu em Isaías. (aquele era o texto do dia). Herculano Pires, assinando como Irmão Saulo, no pequeno magnífico livro, *O Reino*, descreve assim:

O jovem carpinteiro voltava de suas meditações no deserto. Chegava a Nazaré, sua cidade natal, onde ele e o pai mantinha a sua modesta oficina. Num sábado, como sempre fizera, vestiu-se com o mais puro linho que possuía, - na verdade uma pobre estamena branca, mas que brilhava como linho puro - e dirigiu-se à Sinagoga. (Local de reunião)

A modesta Sinagoga de Nazaré regurgitava de judeus ansiosos pela salvação de Israel. O jovem carpinteiro passou tranquilo pela multidão e sentou-se no lugar habitual. Quando lhe permitiram falar, levantou-se, tomou nas mãos o rolo do Torá e o abriu em Isaías. Com voz serena leu esse pequeno trecho:

O espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres. Enviou-me para proclamar a libertação dos cativos e a restauração da vista aos cegos, para por em liberdade os oprimidos e apregoar o ano aceitável ao Senhor.

Jesus devolveu o Rolo ao assistente e sentou-se, ficando em silêncio por alguns instantes. A assembléia estava em suspenso. Alguns corações envelhecidos, ansiosos, indagavam a si mesmos; seria ele o Messias. O silêncio era tão grande que podia-se ouvir o cincorro das cabras pastando ao longe. Muitos ouviam o tup, tup do próprio coração ou do coração do vizinho. A estamena de Jesus brilha como o mais puro linho. Jesus levanta-se e calmamente diz: Hoje cumpriu-se esta profecia aos vossos ouvidos. Houve muitos murmúrios na Assembléia, e as opiniões se dividiam. Os ânimos se alteraram e Jesus citou dois provérbios: Médico, cura-te a ti mesmo - O profeta nunca é aceito em sua Terra. Houve um grande tumulto e quiseram matá-lo. Agarraram-no para levá-lo ao alto da montanha e atirá-lo no precipício. Mas Jesus saiu do meio deles com naturalidade e dirigiu-se à sua casa para despedir-se de sua mãe, e iniciar a mais extraordinária jornada que um homem possa realizar.

Jesus repetiu o que escreveu Isaías séculos antes como profeta (médium). O textos não tratava de cegos materiais e oprimidos ou cativos pelo corpo, mas sim, da libertação espiritual. Os pobres são aqueles que tem fome e sede da verdade, das coisas espirituais.

O Rabi, Mestre pelo conceito popular, pois não cursou escola para ser Rabi, começou a escolher os seus discípulos. Ele já havia acolhido Pedro, André e João, que acompanharam o Batista por algum tempo. Às margens do Lago de Genesaré, ele chamou Simão, a quem o próprio Mestre chamou de Cephas (Pedro) no primeiro encontro, e André, irmão de Simão, que deixara o Batista para segui-lo. Dizendo-lhes: vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Mais à frente encontrou João e Tiago, seu irmão, que consertavam as redes juntamente com o pai, Zebedeu. Chamou-os também. Ambos deixaram o pai com os empregados e seguiram Jesus.

Torres Pastorino afirma que Pedro, André, Zebedeu, Tiago e João eram sócios de uma Empresa de Pesca, muito próspera. Diz, ainda, que Zebedeu não foi chamado porque a sua evolução não era suficiente. Teoriza sobre a possibilidade de Salomé, mãe de Tiago e João, ser uma das irmãs de Jesus, portanto, os dois discípulos eram seus sobrinhos, daí a maior intimidade deles com o Mestre, e estarem sempre presentes nos principais acontecimentos. Dali, entraram em Cafarnaum, a cidade do Consolador. Nesta altura, Pastorino faz uma interpretação esotérica (fechada), muito bonita, que passamos aos possíveis leitores.

"O grupo de cinco partiu das margens do lago e penetrou a cidade do Consolador (Cafarnaum), prontos todos a iniciar a tarefa de levar conforto aos que sofriam, de enxugar as lágrimas dos que choravam, de reavivar a luz dos que estavam nas trevas, de abrir os ouvidos dos que nada percebiam espiritualmente, de servir de muletas aos que coxeavam no caminho do progresso, de limpar os densos fluidos dos leprosos morais: ministério de Consolação e magistério do espírito, calor para os corações e luz para as mentes".

Não vamos falar muito sobre curas, porque sabemos que elas se dão pela movimentação dos fluidos, e que Jesus tinha uma força magnética extraordinária. Pelo seu conhecimento, curava aqueles que já haviam quitado os seus débitos para com a lei de causa e efeito, ou esgotado as suas provações.

De Nazaré, Jesus ruma para Cafarnaum, mas antes passa novamente pela pequena cidade de Caná, onde se daria um fato brilhante. Um oficial do Tetrarca Herodes, (possivelmente Cusa), procura Jesus para pedir que cure o seu filho. O oficial, sabendo que Jesus estava em Caná, subiu 33 quilômetros de estrada íngreme. O pai pede em desespero pela vida do filho. (vem logo, Mestre, antes que meu filho morra!).

Jesus afirmou ao oficial, Seu filho está salvo. O oficial acreditou e iniciou a descida. Já havia percorrido mais da metade do caminho quando seus criados vieram ao seu encontro e disseram que o menino estava curado.

Pastorino joga com a possibilidade do oficial ser Cusa, o que justificaria a sua adesão e de toda a sua casa, inclusive os criados aos ensinamentos de Jesus, e Joana, esposa de Cusa, seguir Jesus para onde ele fosse, e cuidar do trabalho próprio das mulheres e contribuir financeiramente com o grupo.

Pastorino levanta um hipótese mais ousada, que Joana fosse uma das irmãs de Jesus, o que explicaria a intimidade do oficial com o Mestre, e lhe facultaria saber dos passos de Jesus, onde se encontrava, para onde ia.

Saindo de Nazaré Jesus fixou residência em Cafarnaum, e desta forma mais uma profecia de Isaías foi realizada: Terra de Zabulon e Terra Neftali, caminho do mar além do

Jordão, Galiléia dos Gentios. O povo que jazia nas trevas, viu uma grande luz, e os que estavam sentados na regiões sombrias da morte, para estes raiou a luz.

Carlos Torres Pastorino revela que o significado da palavra Cafarnaum, é cidade do Consolador.

Jesus fixou residência em Cafarnaum, e na casa de Pedro, encontrou a sua sogra com febre e curou-a. A beleza desta cura está em que a mulher, sentindo-se curada, levantou-se e pôs-se a servi-los. Poucos fazem isto. A maioria, ao ser curado, continua sua vida de mazelas. Ao sermos beneficiados pelo amor divino, devemos nos colocar ao serviço da vida, da dignidade de viver.

Ao curar um leproso, Jesus mandou-o apresentar-se ao sacerdote, porque era este que fazia o diagnóstico da doença e excluía o leproso (impuro) da sociedade judaica, por isso, era ele que tinha a competência para reincluí-lo.

Na cura do paraplético que foi introduzido na casa pelo telhado, fica a lição belíssima da persistência, da força de vontade. Mesmo arriscando-se a uma queda de conseqüências muito séria, o homem pediu a colaboração dos companheiros para levá-lo ao teto da casa e descê-lo por meio de cordas. Jesus lhe disse: Levanta-te, toma o teu leito e vai para a sua casa. (acontece que era sábado, e era proibido curar, e, pasmem, era proibido a um homem carregar o seu leito num sábado. Jesus contrariou essas pequenas regras, para destacar a maior de todas, Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo.

Torres Pastorino avança mais no sentido esotérico, explicando que o pecador só é perdoado ao esgotar as suas responsabilidades ante a Lei de Causa e Efeito (Karma). Os sacerdotes e doutores sabiam disto, mas achavam que só Deus poderia perdoar, por isso ficaram extático, fora de si, quando Jesus perdoou o paraplético. Os guias do paraplético subiram por uma escada lateral, externa (fora das religiões oficiais e dogmáticas) e no teto, afastaram as telhas e desceram o paraplético por meio de cordas. Jesus mandou que ele se levantasse. Ele se levantou. Alguém pode ter pensado que fosse efeito da sugestão, por isso Jesus ordenou. Toma o teu leito e vai para a sua casa. Torres Pastorino explica: esgotadas as dívidas, o espírito estava ainda indeciso, Jesus ordenou que se levantasse, tomasse a sua cama (seu corpo) e fosse para a sua casa (para o seu ambiente espiritual)

Capítulo IX – Mateus é Chamado – O Sermão da Montanha

Jesus passando por uma rua vê uma coletoria e sentado, o chefe dos cobradores de impostos (Publicano) e o chama. Levi (Mateus) abandona o seu escritório e segue o Rabi.

Publicanos eram agentes do tesouro público. Eram pessoas que compravam do governo o direito de cobrar impostos, pagando antecipadamente, do seu bolso, a quantia estimada pelas autoridades do Tesouro, ficando com o comprador, o risco de recuperar o seu dinheiro. Segundo Torres Pastorino, o Coletor distribuía os seus agentes para cobrar taxas de pedágios, de trânsito de mercadorias, de caravanas do comércio, de alfândegas e etc. dentro do distrito que lhe cabia por direito. O que arrecadasse era seu, inclusive o superávit (sempre era cobrado a mais.)

Alguns, mais afortunados compravam o direito sobre toda uma província e eram considerados chefes dos publicanos, como Zaqueu. (Lucas 19: 3).

Eles eram mal vistos pelo povo, pois cobravam muito mais do que deviam. Os judeus os consideram traidores e apóstatas. O *Talmude proibia que fossem testemunhas ou juizes nos processos e eram considerados legalmente impuros, por estarem sempre em contato com os não judeus. As autoridades faziam vistas grossas às suas roubalheiras, porque a profissão era execrada e arriscada. Imaginem o impacto causado por Jesus, ao escolher um publicano, como discípulo.

* Talmude – Uma das obras mais importantes do judaísmo pós-bíblico e considerada a interpretação autêntica da *Toráh, ou lei escrita.

TORAH – (lei) Os cinco primeiros livros da Bíblia hebraica que contém o essencial da lei mosaica.

Mateus, ou Levi, ofereceu um banquete a Jesus e aos seus colegas, como despedida das suas funções. Citamos este fato apenas por um ensinamento notável. Criticado pelos Fariseus e Doutores por estar se banquetando com publicanos, ladrões e prostitutas, o

Mestre cita um aforismo (sentença): Os sãos não necessitam de médico, mas sim os enfermos. Depois conclui - Não vim chamar os justos, mas os pecadores.

Examinemos ligeiramente duas sentenças ditas por Jesus: não se coloca remendo de pano novo (não molhado) em vestido velho! Isto significa que quando o vestido for lavado, o pano novo vai encolher e repuxar o velho, ficando maior o rasgão. Da mesma forma trata do vinho novo que vai arrebentar odres velhos. Lucas acrescenta a frase que a chave do entendimento: quem experimenta o vinho velho não quer saber do novo, pois o velho é melhor. (ou seja, acredita que a sua crença anterior é melhor) Isto quer dizer que para aceitar o Evangelho é preciso que o seguidor do Velho Testamento esvazie o seu entendimento, liberte-se dos preconceitos, (transforme-se num odre novo ou num novo homem, renovado pelo conhecimento), para iniciar um novo aprendizado.

É por isso que muitos tem dificuldades para aceitar o Espiritismo, porque consideram suas doutrinas anteriores melhores. (vinho velho) E, se permanecem no Espiritismo, (vinho novo), tentam introduzir práticas das suas doutrinas velhas, ou se perturbam intelectual e espiritualmente.

O Sermão da Montanha: Esta é a mais linda sonata de amor contida nos Evangelhos. O Mahatma Gandhi, a Grande Alma da Índia, que não era cristão, afirmou que se todos os livros sagrados da humanidade se perdessem, mas não O Sermão da Montanha, nada se teria perdido.

Para escrever as páginas que se seguem, procurei ler vários autores, e embeber-me dos seus pensamentos, inebriar-me da cultura evangélica de cada um deles, e consultar, também, o meu mundo interior, os refolhos de minh'alma; talvez aquilo que ficou sedimentado em meu ser desde as vidas anteriores, trazendo-as agora ao consciente.

A contribuição maior é de Torres Pastorino, e começamos por ele, que cita Lucas 6:17-26 e Mateus 5: 1-12. Estes versículos contém As Bem-aventuranças. Jesus havia subido a um monte para orar e após passar uma noite em orações, escolheu os 12 discípulos: Simão Pedro – André – Tiago Maior (mais velho) – João – Filipe – Bartolomeu – Tomé – Mateus – Tiago Menor (mais novo) – Tadeu – Simão Cananita e Judas Iscariotes.

Lucas diz que Jesus desceu a um lugar plano onde encontrou uma multidão. Mateus afirma que Jesus, ao ver a multidão, subiu a um monte. Um fato tão simples e nos parece contraditório. Afinal, Jesus desceu ou subiu? É simples: ao descer, Jesus chegou ao entendimento dos mais humildes, falando das coisas objetivas, que compunham a vida daquelas pessoas vulgares. Ao subir, alcançava os mais evoluídos, falando das coisas transcendentais.

Como não queremos nos tornar cansativos, vamos abordar a face mais elevada, procurando sintetizar os nossos comentários.

Bem Aventurado os pobres de espírito: Carlos Torres Pastorino traduz como mendigos do espírito, o que implora a Deus a esmola do conhecimento, da sabedoria, ou poderíamos dizer como Sócrates, aqueles que sabem que nada sabem.

As demais bem-aventuranças, elas se referem ao ato de subir. Jesus não falava de recompensas após a morte, pois, no plano espiritual não se farta de bebidas ou de comidas e nem se fica feliz com o sofrimento dos outros. Jesus falava, sem a menor sombra de dúvidas, das vidas sucessivas, da reencarnação. Os pobres, os infelizes, os oprimidos, os injustiçados, os que choram, poderão, nas vidas futuras serem saciados, felizes e sorrirem.

Também não basta chorar para ser Bem-aventurado. Geralmente os que choram são fracos, mas com o aprendizado através das reencarnações, se tornarão fortes e rirão de seus tempos de angústias. Visto de uma forma um pouco mais simples, podemos entender a alternância das reencarnações. Ora somos ricos, ora pobres. Ora desgraçados, e depois felizes.

Huberto Rohden traduz a primeira Bem-aventurança por – Bem-aventurados os pobres pelo espírito. Rohden faz um ácido comentário sobre a ignorância dos tradutores, e chama de arrogantes profanadores os que deturparam uma das mais sublimes mensagens do Cristo. Afirma que nem no texto grego do primeiro século, nem na tradução latina da Vulgata, se encontra o tópico “pobres de espírito”, e sim, pobres pelo espírito, ou pobres segundo o espírito.

Cairbar Schutel, no Parábolas e Ensinos de Jesus, comenta: Os pobres de espírito são os humildes que nunca mostram saber o que sabem, e nunca dizem ter o que tem; a

modéstia é o seu distintivo, porque os verdadeiros sábios são os que sabem que não sabem. (um pouco à frente): sem a humildade nenhuma virtude se mantém. A humildade é o propulsor de todas as grandes ações e rasgos de generosidade, seja na Filosofia, na Arte, na Ciência, na Religião.

Nosso intuito não é examinar o Evangelhos passo a passo, mas destacar alguns pontos e comentá-los, assim como colocar opiniões diversas, de autores consagrados ou não.

Os mansos herdarão a Terra. Isto significa que a Terra, um dia, será depurada, dos maus, violentos, opressores, dominadores, para ser um refúgio de paz.

Mansidão não é covardia, não é omissão, mas segurança de quem sabe para que está na Terra e como conquistar a sua evolução. Contudo, sem a reencarnação não é possível entender essa bem-aventurança. Nas vidas futuras, um dia, herdaremos um mundo pacífico.

Recorremos novamente a Cairbar Schutel: "A delicadeza e a civilidade são filhas diletas da mansidão. — Os mansos e os humildes de coração possuirão a Terra, porque se elevam na hierarquia espiritual e se constituem outros tantos propugnadores invisíveis do progresso de seus irmãos, guiando-lhes os passos nas veredas do amor e da ciência — nobres ideais que nos conduzem a Deus. — É da cólera que nasce a selvajaria que tantas vítimas tem feito. Da mansidão vem a indulgência, a simpatia, a bondade e o cumprimento do amor ao próximo".

Comenta Del Chiaro: Sabendo que somos herdeiros de nós mesmo, podemos afirmar que o mundo atual, que é violento, corrupto, pornográfico, injusto, cruel, foi feito à nossa imagem e semelhança. Nós, coletivamente, através das vidas sucessivas, construímos esse mundo, e cabe-nos implodi-lo, metaforicamente falando, e construir um mundo novo, de paz, harmonia, bondade, justiça social e amor. Um mundo onde ninguém morra de fome, nem mesmo de fome de aceitação e amor. Um mundo onde todos tenham o suficiente para viver com dignidade, e ninguém seja desprezado, humilhado, oprimido.

Apenas como curiosidade vamos lembrar que sobre essa herança falam: David – Salmo 37: 11 — *Os mansos herdarão a Terra e se deleitarão na abundância da paz.* — Isaías - 65: 9 — *Meus escolhidos herdarão a Terra e meus servos nela habitarão* — Provérbios 2: 21 - 22 — *porque os homens retos habitarão a Terra e os íntegros nela permanecerão.*

Huberto Rohden comenta: Indício infalível da verdadeira auto realização é a mansidão. O homem que encontrou o seu Eu divino é necessariamente manso. A mansidão consiste na desistência de qualquer violência, tanto física como mental, e sua substituição pela força do espírito.

Rohden diz ainda; Podem os violentos conquistar a Terra, apoderar-se dela à força de armas e carnificinas — mas eles nunca possuirão a Terra, e menos ainda os homens da terra. O verdadeiro possuir não é um ato físico, material, mas uma atitude metafísica, espiritual.

Pastorino afirma que a tradução correta da bem-aventurança — Os que tem fome e sede de justiça, é: os que tem fome, que aspiram a perfeição, os que desejam o ajustamento, no sentido de justeza.

Huberto Rohden diz que não se trata de justiça como coisa jurídica, mas de relação, atitude justa e reta que o homem assume em face de Deus.

Os misericordiosos são aqueles que distribuem bondade, bênçãos à mão cheias sobre todos indistintamente. Fome de justiça é contraditório com a misericórdia.

Rohden afirma: Quanto mais o homem dá na horizontal, mais recebe, na vertical. Existe uma lei cósmica que produz infalivelmente o enriquecimento do homem que em si mantém permanentemente uma atitude doadora, que está sempre disposto a dar do que tem e a dar do que é, ou seja, ajudar os seus semelhantes com os objetos que possui e com o amor do próprio sujeito que ele é. Não basta fazer o bem (dar objetos) — é necessário também ser bom (dar o sujeito).

Os limpos de coração não significa castos no sentido sexual. O sexo é lei divina e não tem nada de impuro, a não ser quando o homem ou a mulher torna-se abjeto. Limpo de coração representa o desapego completo. É aquele que é bom, isento de maldades.

Os Pacificadores são aqueles que tem a paz dentro de si e distribui essa paz, vibra harmoniosamente e não se deixa dominar pela zanga, pela ira, pelo ódio. Os pacificadores são os construtores da paz.

Nossa ligação com Deus, através de um Mestre como Jesus, sofre intermitências. Só será definitiva e completa com a nossa evolução, quando formos firmemente cósmicos, quando o plano divino, no corpo ou fora dele, o que será possível através das vidas sucessivas.

Todos os que adentram o caminho dos conhecimento superior, mesmo que seja um ou dois passos, são perseguidos, execrados, injuriados por tentar viver em retidão. São felizes porque a perseguição apressará a sua evolução. Porém, a oposição ao nosso progresso não é apenas externa (vinda de outras pessoas), mas também interna (nossas tendências, vícios, desejos), o que configura a estrada estreita.

Capítulo X - Continuação do Sermão da Montanha - Sal da terra.

Vos sois o sal da terra – começa assim o versículo 13 do capítulo 5 de Mateus. Marcos assinala no capítulo 9 v. 50 e Lucas no 14:34.

O sal é um condimento (cloreto de sódio) e serve para dar sabor e também para conservar os alimentos, para que não se deteriore. O sal é tão importante que a palavra salário deriva da cota de sal que os trabalhadores e os soldados recebiam por seus serviços na antiguidade.

Jesus considera seus reais seguidores como o sal, porque eles devem dar sabor à vida e conservá-la, cuidando da pureza do seu pensamento.

Pedro de Camargo (Vinícius) no seu livro – Nas Pegadas do Mestre, comenta que o sal não se corrompe, mesmo em contato com a corrupção, e assim, diz ele, deve ser o cristão, ou seja – bom no meio dos maus; justo no meio dos injustos; probo no meio da iniquidade; prudente no meio dos insensatos; altruísta no meio dos egoístas; virtuoso no meio de todos os vícios. Diz ele ainda: O sal nunca recebe; dá sempre. Misturai-o com o açúcar e esta torna-se salgada, mas o sal não adoça. O cristão, como o sal está no mundo para dar, e não para receber.

A. D. Chiaro Filho coloca assim seu comentário: para ser o sal da terra precisamos trabalhar para dar sabor a vida. Entendemos dar sabor a vida como construir vida digna para todos. Lutar (sem armas) para que todos tenham o suficiente para viver com dignidade. Criar um mundo onde ninguém morra de fome, nem mesmo de fome de amor. Onde todos, sem exceção tenham onde morar, o que comer, o que vestir, assistência médica, emprego, escola em todos os níveis, lazer, respeito humano, aceitação, amor. Se houver quem por preguiça passe fome ou viva mal, a sociedade terá que educá-lo. O Livro dos Espíritos afirma: *Numa sociedade regida pelas leis do Cristo, ninguém deveria morrer de fome. Ser conservadores da vida é uma tarefa de todos, por isso temos que nos opor às injustiças, às perseguições. Temos que eliminar a pobreza, acabar com os privilégios, mantendo apenas o privilégio de servir.*

Podemos dizer, também, que o sal da terra deverá destacar a vida espiritual do homem. Não somos a matéria que compõem o nosso corpo. Usamos a matéria, mas não somos matéria. Dar ao homem a oportunidade de descobrir a sua espiritualidade, é condimentar a vida, dando-lhe sabor. Mas em tudo é preciso ter a medida certa, pois, assim como o excesso de sal estraga o sabor do alimento, o excesso deste sal da terra, pode tornar a vida intragável.

Vós sois a luz do mundo: Mateus registrou este ensinamento no capítulo 5: 14-16 e Lucas no 11:33 – 36. As anotações de Lucas vão um pouco além, porque ele acrescenta: *a lâmpada do corpo é o olho. Quando o olho é simples todo o teu corpo é luminoso* (leia no Evangelho).

Carlos Torres Pastorino, na sua obra já citada – comenta: A luz tem como finalidade, tanto quanto o sal, servir aos outros, e não a si mesma. Para que a luz produza o seu efeito, é mister que esteja colocada no alto, e não escondida em baixo de um balde.

No adendo de Lucas, Pastorino comenta: se os olhos forem simples, no sentido de limpos, puros, sem malícia, todo o corpo será luminoso. Se forem enfermos (maliciosos, maldosos), a criatura ficará em treva. Por exemplo: quando alguém vê duas criaturas se amando com simplicidade, sem malícia, admira o amor, tudo permanece em luz. Mas, se

nesse amor, quem olha coloca malícia, o amor continuará a brilhar com pureza, mas a criatura que maldou será invadida pelas trevas da malícia que só existe nela mesma.

Del Chiaro comenta: A luz ilumina o ambiente. A luz referida por Jesus de Nazaré deverá iluminar nossa consciência e a consciência do mundo. Mas, para iluminar o exterior precisamos antes nos iluminar interiormente. Ainda há muita escuridão em nosso mundo interior. Quando o nosso olho é mal, vê maldade em tudo, até onde ela não existe.

Só o conhecimento superior da vida pode iluminar o nosso interior. A Doutrina Espírita é um excelente curso superior do conhecimento da vida.

A LEI E OS PROFETAS: Não penseis que vim revogar as leis e os profetas; não vim revogar, mas completar. Precisamos entender que Jesus não se referia apenas à lei mosaica. Jesus veio dar complemento e um novo impulso a todas idéias religiosas dos grandes missionários que nasceram na Terra. Torres Pastorino prefere situar no campo do Mosaísmo, porém, ele traduz por completar, e não cumprir. Ele não veio apenas para cumprir, mas completar. Ele estranha a tradução que afirma que aquele que violar um pequeno mandamento entrará no Reino do Céu, mas será chamado mínimo. Ele afirma que o verbo grego usado nesta passagem tem o significado de soltar, solver, resolver, solucionar, aclarar, explicar. Secundariamente pode ser traduzido por violar, também, mas o contexto não permite esse sentido.

As ofensas: Mateus, ainda no Cap. 5: 20 - 26 Jesus faz várias advertências, começando assim: *Tendes ouvido o que foi dito: Não matarás, e quem matar está sujeito a julgamento, mas eu vos digo que todo aquele que se ira contra o seu irmão estará sujeito a julgamento.* Depois Jesus enumera as ofensas, raca e tolo dizendo que os ofensores estarão sujeitos ao julgamento do Sinédrio e a Geena de fogo.

O Iogue Ramacharaca, no livro, Cristianismo Místico, afirma que o desejo, o pensamento é a semente do ato. Desejar matar uma pessoa é pecado como o ato de matar.

Torres Pastorino, traduz, que se magoa, no lugar de irar, mostra que existe o homicídio moral, que é passível de resgate doloroso. Conforme a gravidade da falta é a severidade da pena. Diz Pastorino: quem se magoa ficando ressentido e não perdoa, não esquece, mesmo ficando calado, perde a sintonia interna com Deus, que é amor. Quando nos iramos e dizemos falsidades ou ofensas contra o nosso adversário e induzimos as pessoas a um juízo errôneo sobre ele, baseado no que dele falamos, somos responsáveis por um Karma coletivo, resgatado no vale de lágrimas (planeta Terra).

Na seqüência do Evangelho, Jesus ensina que aquele que estiver diante do altar e lembrar que alguém tem alguma mágoa contra ele, deixe ali a sua oferta e vá reconciliar-se com o seu irmão, e depois faça a sua oferta. Ele completa o ensinamento dizendo que façamos as pazes com o nosso adversário enquanto estamos no caminho com ele, ou seremos encerrado na prisão e dali não sairemos até que seja pago o último ceitil. (centavo).

Estes ensinamentos demonstram que a prece e a adoração não tem valor quando o nosso coração está pejado de ódio e rancor. De nada adianta os atos exteriores se o coração não participar, e ele não pode participar se estiver cheio de rancor, despeito, mágoa, tristeza.

Nosso corpo é o Templo vivo do Criador — nosso coração é o altar — logicamente não falamos do coração músculo cardíaco que bombeia o sangue para todo o corpo, mas o coração sentimento, que se liga ao coração músculo. Nenhum ato de adoração, de amor a Deus terá validade se não formos capazes de perdoar e amar o nosso próximo, independente dele nos amar ou não. *Se amares somente os que vos amam, que fareis demais? Os gentios também amam os que os amam.*

Quanto ao "fazer as Pazes" com o adversário significa que quem odeia, fica magoado, constrói uma prisão em torno de si. Ficar preso ao adversário para quitar a nossa dívida, consagra o princípio da reencarnação e a lei de causa e efeito. Estar no caminho com o adversário é estar reencarnado com ele na vida presente.

Geena de Fogo: Pastorino apresenta explicações sobre o Geena referido por Jesus, ou o Vale dos Gemidos, que já aparece no Antigo Testamento, desde Josué.

Tratava-se de um Vale ameno e verdejante e no fundo corria um regato preguiçoso, de águas limpas, o Kidron ou Cedron. No meio de vale foi construído um altar ao deus Moloch

ou Baal – onde eram queimadas pequenas vítimas, crianças de colo, para aplacar a terrível divindade.

O ídolo de bronze fundido, tinha o ventre oco e as mãos espalmadas. Uma grande fogueira era acesa no interior do ídolo e quando o metal estava rubro pelo calor, depositava-se uma criancinha viva nas suas mãos espalmadas.

Afirma Pastorino que Reis dos judeus, como Manassés e seu filho Acáz, ali queimaram os seus próprios filhos em honra ao ídolo. Contra esse costume desumano, Jeremias protestou revoltado. O Rei Josias destruiu o local do culto fazendo do vale o depósito de lixo de Jerusalém, o monturo, onde lançavam os cadáveres de animais, sendo tudo queimado para não empestar a natureza. Depois da morte de Josias o culto a Moloch foi reativado, Ezequiel 20: 30 – 31 ameaça os israelitas por essas crueldades inomináveis mas novas perseguições aos sacerdotes do ídolo foram desencadeadas.

Devido o gás metano, produzido pela deterioração do lixo, o fogo mantinha-se aceso permanentemente, daí o simbolismo do fogo que não se extingue, que foi aproveitado para a figuração do inferno.

Adultério e Divórcio: Mateus 5: 27- 32. *Tendes ouvido o que foi dito: não adulterarás. Eu porém vos digo que todo o que olha uma mulher casada, cobiçando-a, já adulterou com ela em seu coração. Se pois o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti, pois te convém mais que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo seja lançado no Vale dos Gemidos – etc...*

Lucas 16: 18. Fala sobre a carta de divórcio e o adultério do homem e da mulher que se casar com o divorciado.(a).

Devido a herança judaica-cristã sobre sexo – divórcio e adultério, estes assuntos causam arrepios na maioria das pessoas. É um assunto no mínimo, desconfortável.

Na antigüidade, especialmente nos tempos bíblicos, a mulher era uma mercadoria, propriedade do homem, e por isso o adultério era visto como um roubo. O marido, proprietário da mulher, era lesado pelo adultério e por isso podia exigir reparação.

O adultério só acontecia nos casos de mulheres casadas ou noivas, já que este era um compromisso muito sério. A mulher solteira, viúva ou livre, não cometia adultério, no caso de manter relações sexuais com algum homem. No caso de moça solteira, se houvesse flagrante do ato sexual, o homem era obrigado a pagar uma multa (50 ciclos de prata) ao pai da moça, seu proprietário, e casar-se com ela, não importando quantas esposas tivesse, pois, poderia ter quantas pudesse manter. (Deuteronômio 22: 28 – 29) simplesmente comprava mais um propriedade, ao pai, antigo dono da donzela.

No caso de serem apanhados adulterando, o homem e a mulher deveriam ser apedrejados até a morte. (Levítico 20: 10 Deut. 22: 23)

Jesus não aprova essa barbaridade: prefere o perdão. (João:8: 1 – 11)

O tema é tão forte que nos leva ao caso em que levaram uma mulher ante Jesus, dizendo que ela foi apanhada em flagrante adultério, e Moisés mandava apedrejá-las até a morte. E tu? O que dizes?

Jesus agachou-se e começou a escrever com o dedo na areia, permanecendo em silêncio. A situação era uma armadilha. Se Jesus mandasse libertá-la estaria contrariando Moisés. Se mandasse lapidá-la, seria acusado de impiedoso. Os homens insistiram e Jesus sentenciou: *aquele dentre vós que estiver sem pecado, que seja o primeiro a apedrejá-la.* Dito isso voltou a escrever na areia. Os homens permaneciam ali impassíveis. Depois, pouco a pouco começaram a se retirar. O que Jesus teria escrito na areia?

Del Chiaro: num artigo, escreveu romanceando: Jesus conhecia cada um daqueles homens velhos ou jovens. Conhecia-os, também, na transcendência. O primeiro que ficou curioso e foi verificar o que Jesus havia escrito, assustou-se, pois ali estava escrito: Simeão, você também tem adulterado. O adultério dorme na sua cama. Jacó, quando jovem você adulterou muitas vezes com uma mulher casada. Efraím: você adultera o seu vinho, deitando-lhe água. Eleazar, embora jovem você mente e adultera no peso e na medida das suas mercadorias...

Um a um que via o seu nome afastava-se envergonhado. No fim ficaram apenas Jesus e a mulher. O Mestre pergunta: – Onde estão os teus acusadores? Ninguém te condenou?

– Não Mestre.

- Eu também não te condeno, vai e não peque mais, para que não te aconteça coisa pior.

Quem era a mulher adúltera? Alguns pesquisadores dizem que era Maria de Magdala. Outros que era a mulher que lavou os pés de Jesus com as suas lágrimas. Outros que Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro.

Somos de opinião que não era nenhuma delas, mas uma outra mulher. Como ficou consagrado que Madalena era prostituta, embora N. A. Wilson, no livro: Jesus – Uma Biografia, afirme que não há provas de que Madalena fosse mulher de vida irregular – e a mulher do vaso de alabastro fosse provavelmente prostituta – elas não poderiam ser a mulher adúltera, pois mulheres livres não adulteravam, nem as solteiras, mas, somente as noivas e as casadas, conforme já vimos anteriormente.

O Iogue Ramacharaca – no livro Cristianismo Místico – demonstra idéias fechadas sobre o tema. Segundo ele, os ocultistas só aceitam a relação sexual para procriar. Tudo que estiver fora disto, diz ele, é abuso e será castigada.

Jesus só admitiu o divórcio em caso de infidelidade da mulher. A lei Mosaica permitia por outras causas. Nada se fala sobre a vontade dos dois em se divorciarem. O homem podia repudiar a sua esposa e dar-lhe carta de divórcio, mas a mulher não tinha esse direito.

A. N. Wilson afirma, parecendo-nos com certa dose de ironia, que Jesus era fanaticamente monogâmico.

Allan Kardec, em O Evangelho Segundo O Espiritismo, tem uma visão mais compreensiva dos problemas humanos e aceita claramente o divórcio, que nada mais é que a concretização exterior do que já havia acontecido na intimidade. Quando a lei do amor não é considerada, não se pode dizer que Deus uniu o casal.

*O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, vai ainda mais fundo na questão: Diz que nos equivocamos ao acreditar que Deus nos obriga a viver com quem nos desagrada. Indagado por Kardec, os espíritos concordam que quase sempre há uma vítima inocente, mas a sua infelicidade recairá sobre aqueles que lhe deram causa.

* O Livro dos Espíritos – Uniões Antipáticas – Perguntas 939 a 940^a

Jesus procurou atenuar o bárbaro costume da lapidação pela carta de desquite.

A fortíssima figura de arrancar o olho, cortar a mão, o pé, (hipérbole) que for causa de escândalo, mais uma vez destaca a reencarnação, pois refere-se “entrar na vida”. Nascer (de novo) cego, coxo, maneta para corrigir-se dos erros e das tendências ruins. Configuram situações que inibe a nossa ação no mal, porém não impede, muitas vezes, o desejo de fazer o mal.

Capítulo XI - Ainda O Sermão da Montanha - Olho por Olho...

Mateus no Capítulo 5: 38 a 42 e Lucas 6: 29 – 30 assinalam a não resistência. Pessoalmente acreditamos que os conselhos de Jesus, de voltar a outra face, de entregar a túnica quando nos querem tirar a capa, de amar o inimigo, é dirigido ao homem próximo a tornar-se cósmico. Ubiratã Rosa, nosso querido amigo, costuma dizer que não resistir ao homem mal é não tentar mudar os outros, nem a si mesmo, à força. É uma atitude passiva, mas não apática, porém, interessada.

Voltar a outra face, sofrer prejuízos sem reclamar, é condição do homem muito evoluído. Para os homens comuns já é um grande ganho não devolver o mal recebido, e sim, perdoar. Mateus continua no Capítulo 5: até o versículo 48 — *Ouviste o que foi dito, amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo; eu porém, vos digo: amai o vosso inimigo e orai pelos que vos perseguem e caluniam* —. O discurso de Jesus prossegue elevando o amor ao mais alto grau. Lucas assinala o mesmo discurso no Capítulo 6: 27 e 28. A obrigação de amar ao próximo como a si mesmo, vai agora até a sublimidade do amor aos inimigos. Nestes passos do evangelho, aparece largamente a caridade, a tolerância, o perdão incondicional.

Allan Kardec, em O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo 12 – Amai os Vossos Inimigos, coloca sabiamente que é impossível ter-se pelo inimigo a mesma ternura que se tem pelos amigos. Outro ensinamento importante de Kardec no capítulo XII do livro já

citado, é a existência dos inimigos desencarnado. Todas as proposições de Jesus, que nos parece serem impossíveis de serem aceitas agora, serão no futuro.

Huberto Rohden, no seu livro, *Sermão da Montanha*, coloca o ensinamento a nível coletivo, de nações, e de sociedades constituídas. Na abertura do capítulo, *Não Resistais ao Maligno*, ele faz uma revelação chocante. Vamos mostrar nas palavras do próprio Rohden:

"No número de abril de 1959, da célebre revista mensal *Stimmen der Zeit*, dos padres jesuítas alemães, aparece um artigo, da autoria do jesuíta P. Hirschmann, provando que a guerra atômica pode ser lícita, no caso que seja necessária para salvar o cristianismo sobre a face da Terra. No mesmo sentido escreve o jesuíta P. Gundlach, que foi conselheiro espiritual do Papa Pio XII, afirmando que a guerra atômica, e mesmo a extirpação de um povo inteiro (naturalmente a Rússia, na época) é não somente lícita, mas pode até ser dever de consciência, no caso que esse povo seja um impedimento para o triunfo do cristianismo.

Mais à frente Rohden comenta: "Por onde se vê que esses doutores em teologia eclesiástica são perfeitos analfabetos na suprema sabedoria do Sermão da Montanha, e do Evangelho do Cristo em geral.

O Gentio, Mahatma Gandhi, não permitindo a morte de um só homem para libertar a Índia, compreendia mil vezes melhor, o Espírito do Cristo, do que esses chamados cristãos. Gandhi aceitava o Cristo, mas não o Cristianismo.

Não resistais ao maligno!... Rohden afirma que nenhuma igreja, nenhum Estado cristão aceitou até hoje, essa Doutrina do Divino Mestre. Todos praticam a violência, por sinal que todas as sociedade civis e eclesiásticas se guiam, até hoje, pela lei do Talião, estabelecida por Moisés, olho por olho, dente por dente.

Não resistir ao maligno é, pois, uma ordem que visa diretamente o indivíduo em vias de cristificação. (O pensamento de Rohden coincide com o nosso, exposto linhas acima).

Rohden fala, ainda, sobre a matemática absurda de Moisés: se alguém me furar um olho ou quebrar um dente, eu devo furar-lhe um olho e quebrar-lhe um dente para que fique quite. Está errado: um negativo dele, mais um negativo meu, somam dois negativos. Isto quer dizer que criamos dois males no mundo. Mais cada ofensa exige uma outra, vamos piorando o mundo. Jesus ensina que o negativo (mal) só se anula com o positivo (bom). O Mahatma Gandhi, justamente por ser uma grande alma, compreendeu e praticou admiravelmente essa matemática espiritual do Cristo, dando à não resistência o nome sanscrito de ahimsa.

Discorrendo sobre a caridade, Jesus aconselhou que uma das nossas mãos não soubesse o que faz a outra. Fala da ação caridosa discreta, sem exibicionismo, sem humilhar o beneficiado. Jesus ensina que não devemos exigir, nem esperar agradecimentos ou reconhecimentos. Contudo, por nossa vez precisamos aprender a ser gratos quando somos beneficiados, pois, quem não sabe agradecer, acaba sendo esquecido pela vida.

Na seqüência, Jesus discorre sobre a oração. Mateus Capítulo 6:5-15 – Marcos 11:25-26 e Lucas 11:1 a 4 — É neste passo que Jesus ensina a oração do Pai Nosso – Lucas também apresenta o Pai Nosso, mas o que queremos destacar são os escritos de Mateus: *Tu, porém, quando orardes, entra em teu quarto e, fechada a porta, ora a teu Pai que está no secreto, e teu Pai que vê no secreto, te retribuirá* (na luz plena).

Pessoalmente estranhávamos esta passagem, pois quantos existem que não podem se fechar em seu quarto, porque não tem um, ou nem mesmo tem uma casa. Até que compreendemos que não se referia a um cômodo de uma casa, mas ao interior do homem. Ao interiorizar-se o homem expande-se ao infinito, alcança a amplidão dos espaços sem fim.

Existe uma diferença entre orar e rezar. Rezar é repetir palavras decoradas segundo fórmulas determinadas. É produzir eco que a brisa dissipa, como sucede à voz do sino que no espaço se espraia e morre. ORAR é sentir. E o sentimento é intraduzível.

(Estas belas palavras é de Vinícius, no livro – Em Torno do Mestre).

Jesus fala também sobre o jejum. Hoje não nos preocupamos com o jejum de alimentos, que, naquela época era preceito religioso, mas sim, com o jejum dos maus pensamentos, dos maus desejos, da imoralidade, da violência, da corrupção, da maledicência. Com referência à oração e ao jejum, o Mestre rebela-se as falsas aparências. Se hoje não mais desfiguramos o rosto ou derramamos cinzas na cabeça, ainda fazemos uma cara compungida ou exibimos um palavrório pedante nas preces.

Há quem diga que é inútil orar, pois Deus não muda as suas leis para atender este ou aquele. Ledo engano. Em primeiro lugar a prece não é apenas para pedir. Além disto, a prece cria em torno de nós uma atmosfera psíquica que nos protege e alimenta espiritualmente.

Ali por volta dos anos 60 do século XIX – um grupo espírita, em Paris, propôs que o Espiritismo eliminasse a prece, por ser inútil, mesmo a de agradecimento, porque, segundo o grupo, se alguém recebe alguma coisa é porque merece, por tanto, é inútil agradecer.

Allan Kardec escreveu um forte artigo em favor da prece, dizendo que renunciar à prece, é renunciar à nossa ligação com os nossos entes queridos desencarnados e aos nossos protetores espirituais.

Lembremo-nos, também, da advertência de Jesus, no caso de estarmos orando e lembrarmos que alguém tem alguma coisa contra nós, que devemos ir procurar essa pessoa e fazermos as pazes ou consertarmos a situação, e depois fazermos nossa prece.

Capítulo XII - Seqüência do Sermão da Montanha - Tesouros e Outros.

Jesus prossegue no mesmo discurso, e Mateus registra no capítulo 6: 19 a 24. Jesus fala sobre tesouros e sentencia: *Não ajunteis para vós tesouros na Terra, onde a traça e a ferrugem os consomem, e os ladrões penetram e roubam.* Lucas, no capítulo 12:32 a 34 – mas especialmente no 34, diz: ... *porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.* (ver Evangelho).

Não é difícil entender (pelo intelecto), que os bens da terra tem valor efêmero, porque, na verdade, não nos pertence, pois deixamos tudo aqui quando desencarnamos (morremos), mas é difícil, muito difícil entender no coração, porque arranjamos mil desculpas para apegar-nos e não sentirmos nenhum remorso. O tesouro do avarento é o seu dinheiro. Do alcoólatra é a bebida. Do sensualista é os gozos. Outros colocam seu tesouro na fama, no poder, na glória e etc.

Na verdade, o maior perigo está na sedução, na atração das coisas materiais. Se possuíssemos as riquezas, sem nos escravizarmos a elas, se não permitíssemos que ela nos possuíssem, não haveria nenhum mal.

Allan Kardec, afirma que a prova da riqueza é muito mais perigosa do que a pobreza, porque faculta facilidades, gozo, poder, abuso de toda espécie, que o pobre não tem dinheiro para comprar, por isso se isenta dessa responsabilidade. Contudo, não ficará isento se não as pratica somente porque não tem recursos. Se os ricos podem ser condenados pelo apego daquilo que possuem, os pobres, com mais razão, podem ser condenados por se escravizarem aos bens que não possuem.

Acreditamos que quando Jesus afirmou: *Não vos preocupeis com vossas vidas, pelo que haveis de comer ou beber, nem com o vosso corpo, pelo que haveis de vestir: não é a vida mais que o alimento e o corpo mais que a roupa? Olhai as aves do céu...* (Mateus 6:24-34 e Lucas 12:22-31) não pode ser entendido conforme a letra que mata, e sim, conforme o espírito que vivifica. Do contrário seria a consagração da ociosidade. Não devemos ser escravos das riquezas, mas não devemos, também, ser pesado para ninguém, ou para a sociedade. O ideal é que aprendêssemos a viver sem precisar de muitas coisas, sem invejarmos o próximo, sem ter ansiedades e preocupações que nos desgastam. Paulo diz em uma das suas cartas: *sei viver na pobreza e sei viver na abundância.*

Homens cósmicos não precisam de propriedades para viver. Jesus não tinha uma pedra onde repousar a cabeça. Budha nasceu rico e abandonou o seu palácio com as suas riquezas. Gandhi, ao morrer deixou como herança, uma tigelinha onde comia o seu iogurte de leite de cabra, uma colher de cabo quebrado, um lençol em que envolvia seu corpo, um par de óculos e um par de alpercatas, pois, a cabra que o servia dando-lhe o leite, não era dele, e sim de um amigo que lhe emprestara.

Contam que um sábio grego, da antigüidade, estava sentado sobre uma grande pedra vendo a sua cidade arder em chamas, num incêndio devastador. Ele observava o vai e vem das pessoas tentando salvar os seus bens, quando alguém lhe perguntou se ele não ia salvar seus pertences, e ele respondeu que tudo que ele possuía estava com ele, em seu coração e sua mente.

Huberto Rohden explica que o homem profano está fora, à frente do Templo, mas não quer entrar porque é dominado pela matéria. Quer possuir, gozar, usufruir, tirar vantagem de tudo, enriquecer de qualquer maneira, mesmo por meios desonestos. O homem místico agarra-se às coisas que julga ser do espírito e despreza o mundo, torna-se misantropo. Gosta de exibir a sua pobreza. Veste-se mal, come mal, e o sexo causa-lhe repugnância, utilizando-o apenas para procriar. O homem cósmico, que já passou pelas duas fases precedentes, é espiritual, mas não despreza o mundo e nem as suas riquezas, mas não se deixa seduzir ou escravizar por elas.

Rohden, diz ainda, no seu livro *O Sermão da Montanha*: Esse homem (cósmico) não precisa mais lutar pelas coisas necessárias, porque a natureza, amiga e aliada, lhe abre o tesouro das suas forças secretas, e lhe fornece espontaneamente e jubilosamente, todas as coisas de que ele tem mister, a fim de poder dedicar o melhor do seu tempo e das suas energias à causa magna do reino de Deus e sua justiça.

Num outro texto ele diz: O homem que trabalha para implantar o Reino de Deus na Terra, não precisa se preocupar com o que necessita para viver, porque aquilo que ele necessita, o procura.

Em outro passo do Evangelho, opina Del Chiaro, Jesus afirma: *Procurai em primeiro lugar o Reino dos Céus e a sua justiça e tudo o mais lhe será dado por acréscimo de misericórdia*. Ou conforme outros, *lhe será acrescentado*. Ora, o que Jesus falou sobre o Reino dos Céus, ou o Reino de Deus, que é uma só coisa? Ele disse que o Reino não vem com aparências exteriores, depois afirma: *O Reino de Deus está dentro de vós*. Então essa justiça deverá estar dentro de nós. Temos que ser justos e viver com justeza. Não se trata de julgamento jurídico, conforme diz Rohden em outra passagem, mas justeza, lealdade, compreensão, fraternidade, aceitação, amor. É ser o sal da terra e a luz do mundo.

Ajuntai para vos tesouros no céu, onde não enferrujam e nem o ladrão penetra para roubar. O Espiritismo ensina que não devemos ajuntar riquezas egoisticamente, mas sim em família. Entendamos que não se trata de família pelo sangue, mas família em humanidade. Kardec deixa bem claro que uma propriedade só é legítima quando foi adquirida sem prejuízo de ninguém.

Quando Kardec questionou os espíritos sobre os bens recebidos em herança, eles responderam que é preciso verificar se a riqueza não foi usurpada de alguém na sua origem.

No entanto, o discurso de Jesus prossegue, e Mateus registrou no capítulo 7:1 a 5 e Lucas aborda o mesmo assunto no capítulo 6:37 -38 - e retoma nos versículos 41-42 (ver Evangelhos). *Não julgueis para não serdes julgados*. A lição é simples, não trata de julgamento jurídico feito por um magistrado, e sim no nosso julgamento, que estamos propensos a nos julgar melhores que as outras pessoas. O que Jesus adverte é sobre o julgamento leviano, vulgar. Na passagem há uma advertência da lei de causa e efeito: se julgamos levianamente alguém, estamos sujeitos a sermos julgados levianamente por outras pessoas. Naturalmente, não é preciso que tenham que existir levianos, mas a lei maior aproveita as disposições levianas das pessoas, para que, no contato social, castiguem-se mutuamente. Se não existissem levianos que julgam mal o seu próximo, não haveria esse tipo de resgate.

Jesus de Nazaré usa uma hipérbole, para falar daqueles que tem graves defeitos e ficam a apontar os defeitos menores do seu próximo. *Por que vês o cisco no olho do teu irmão e não percebes a viga que tens no teu? Hipócrita, tira primeiro a viga do teu olho e então enxergarás bem para tirar o cisco do olho do teu irmão*. (tradução do Pastorino dos versículos 3 e 5 de Mateus).

A. N. Wilson, considera a hipérbole exagerada (toda hipérbole é exagerada) dizendo que certamente Jesus não era um carpinteiro, pois, se fosse, conheceria a imensa diferença existente entre um cisco e uma trave ou viga.

Mateus 7:6 coloca nos lábios de Jesus palavras muito duras, fazendo com que muitos pensem que elas não são de Jesus. *Não deis o que é santo aos cães, nem lanceis vossa pérolas diante dos porcos...* (ver Evangelho). Acreditamos que o que ele quer dizer é que existem pessoas evolutivamente tão atrasadas, que não tem condições de compreender as coisas superiores do espírito. Podem mesmo voltar-se contra o seu benfeitor e instrutor e despedaçá-lo, como os porcos que pisaram sobre as pérolas.

Pessoalmente acreditamos que as iniciações, os ensinamentos ocultos, terminaram quando o véu do santuário rasgou-se de alto a baixo, mas nem tudo pode ser ensinado indiscriminadamente a todos. Se não mais existem iniciações nos Templos, nas doutrinas secretas, existe uma seleção natural, uma iniciação cósmica.

Richard Simoneti, no livro, *A Voz do Monte*, diz que os princípios espíritas devem ser levados a todos indistintamente, mas a mediunidade é coisa santa que deve ficar restrita àqueles que aceitaram e compreenderam o Espiritismo. No dizer de Simoneti, uma sessão espírita só deve ser realizado com um objetivo santo.

Mateus, no capítulo 7:7 a 12 e Lucas no 11:5 a 13 registram as palavras de Jesus: pedi e dar-se-vos-á. Procurai e achareis. Batei e abrir-se-vos-á. (ver o Evangelho) Os evangelistas colocam uma condição comparativa simples, em relação ao pai humano e o Pai Criador. Qual é o pai, cujo filho lhe pedir um pão lhe dará uma pedra... Escreve Rohden: Pedir é rogativa de quem compreende que tudo pertence a Deus e ele é o dispensador. Batei, é ação – trabalho – trabalhar pelo que se pediu, criar condições favoráveis. Não se trata de muito pedir, insistir, importunar até conseguir, porém, confiar. Aquele que pede boas coisas (pão – peixe – ovos para a nutrição do corpo) está na condição do homem profano. E o que pede (luz, sabedoria, fé para a nutrição do espírito, está na condição do homem místico. O homem cósmico já não precisa pedir porque sabe que tudo que ele precisa lhe será dado.

Deduzimos facilmente que quem mentaliza coisas ruins, como, pedra, cobra, escorpião, atrairá infelicidades, tristezas, desgraças, doenças.

Precisamos compreender que muitas vezes não recebemos aquilo que pedimos porque nos é inconveniente. Nós mesmos não damos tudo o que os nossos filhos nos pedem, especialmente quando ainda são crianças. Será que evolutivamente não somos crianças espirituais? As vezes pedimos a cura de uma doença e a cura pode ser inconveniente para a nossa evolução.

Os dois cronistas do Evangelho terminam este passo com a regra de ouro dada por Jesus: *Assim como quereis que vos façam os homens, assim fazei vós a eles.*

Mateus no capítulo 7: 13 –14 aborda a porta estrada. Mateus diz: *Entrai pela porta estreita: por que larga é a porta e espaçosa a estrada que conduz a perdição, e são muitos os que por ela entram. Mas estreita é a porta e apertado a estrada que conduz à vida, e poucos são os que a encontram.* Lucas, fala das dificuldades da evolução no capítulo 13: 23 a 30 – e fala também que devemos forcejar por entrar pela porta estreita.

O caminho apertado é o dever, a boa conduta, o amor fraternal. Com o tempo, o nosso dever se transformará no nosso querer. Diremos então: entrei pelo caminho estreito por livre escolha. Sou cristão (Cristianismo do Cristo e não dos seus vigários) por opção própria. Sou espírita porque quero, por amor ao Espiritismo, não por medo ou supostas vantagens.

A estrada larga é a da sedução. Nela encontramos a satisfação dos desejos inferiores, como orgulho, vaidade, egoísmo, violência, sensualidade, desonestidade....

Torres Pastorino faz uma admoestação contundente, dizendo que são poucos os que procuram a porta estreita e acertam com ela, porque se equivocam. Por exemplo: Há os que pensam que é pela devoção piedosa. Outros, pelos estudos cerebrais dos vocábulos. Outros por ações taumatúrgicas, milagreiras, Outros pelo puro mediunismo mecânico. Outros ainda, por conversas com os desencarnados. Há os que se apegam à posições corporais, como exercícios da Ioga, da meditação profunda. Poderíamos acrescentar que outros procuram esse caminho na doação de cestas básicas e na caridade material. Acreditamos que todos esses caminhos são válidos, mas parciais.

Os que encontraram o caminho real sabem que ele conduz para dentro. O caminho é para o nosso interior. Conforta-nos saber que embora seja muito difícil acertar com a porta estreita e o caminho estreito, teremos tantas oportunidades quantas forem necessárias para continuar procurando.

Herculano Pires, no livro, *O REINO* – assinado com o pseudônimo, Irmão Saulo – conta a história de um homem que subia um estreito e escarpado caminho que o conduziria ao "Reino", e chegando diante de um imenso portão, ofegante pelos esforços da subida e pelo peso dos sacos que trazia às costas, que guardavam os seus tesouros, tomou da grande aldabra e bateu com força. Abriu-se, não o portão inteiro, mas uma estreita abertura, por onde ele pôde divisar um panorama maravilhoso, um verdadeiro paraíso com rios de mel e

leite. Tentou entrar com os seus sacos às costas, mas a portinhola era muito estreita e não dava passagem. Esforçou-se muito sem querer largar os sacos com os seus tesouros. Cansado, sentou-se ao chão, colocando os sacos à sua frente, enquanto olhava com olhos compridos para dentro do portão. De repente um dos sacos começou a rolar ladeira a baixo. Ele agarrou os outros sacos e tentou segurar o que escapara, mas acabou rolando com toda a carga lá para o fundo do abismo, e somente quando ele chegou ao fundo, que a portinhola que permanecera aberta num convite sereno, fechou-se.

Uma outra linda história é de Cid Franco, aliás, grande amigo de Herculano Pires. Num pequeno livro chamado *Dois Caminhos*, ele narra: Dois são os caminhos. O da violência e o da não-violência. Violência de pensamentos, palavras e atos. Não violência de pensamentos, palavras e atos. São dois os caminhos. É fácil correr pelo primeiro. É difícil caminhar lentamente pelo segundo. Bastam os instintos para escolher o primeiro. Só o sentimento e a vontade, apoiados em lúcido raciocínio, escolhem o segundo. Oh! Abandonemos o caminho velho, o caminho da violência. Tomemos o caminho novo. Novo? Há séculos grandes seres seguiram por ele, e seus pés deixaram para todos nós um rasto luminoso de estrelas, a poeira que caiu de suas sandálias. Os pés do Cristo, nosso Mestre e Senhor, os pés de Gautama, os pés de Francisco de Assis... Perto de nós, os do Mahatma Gandhi. E de tantos caminheiros da não-violência. O que encontramos no fim do caminho velho? O ódio e a morte. Que nos espera no caminho novo, ou melhor, na estrada que até hoje não palmilhamos. O amor e a vida.

Jesus, em Mateus em 7:15 a 20 fala para nos guardarmos dos falsos profetas, que se vestem de ovelhas, mas são lobos vorazes. Lucas em 6:43 – 45 fala da árvore e dos frutos, dizendo que a boa árvore não dá maus frutos e a árvore má não produz frutos bons. Falsos profetas sempre existiram. É preciso que os homens aprendam a ver que tipo de frutos eles dão. Lucas termina o seu texto, dizendo: *O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem, e o homem mal, do mau tesouro, tira o mal; porque a boca fala do que está cheio o coração.*

No capítulo XXI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Allan Kardec fala da missão dos profetas e que não devemos entender como profetas apenas aqueles que fazem previsões. Kardec aproveita a advertência de João, o Evangelista, e faz um comentário sobre o não creiais em todos os espíritos, mas provai se eles são de Deus. Erastos, numa mensagem oportuna, adverte quanto aos falsos profetas da erraticidade, ou seja, espíritos que são falsos profetas.

Jesus termina o seu extraordinário discurso e desce do monte e a multidão o acompanhou. Queremos deixar bem claro que não examinamos o Sermão da Montanha versículo por versículo, mas destacamos aqueles que, na nossa visão, são mais importantes.

Capítulo XIII - A Cura do Criado do Centurião.

Mateus 8: 5 – 13 e Lucas 7: 2 – 10. Esta é uma passagem muito interessante, porque um centurião – portanto soldado romano que comandava uma centúria ou tropa de 100 soldados, procura Jesus e pede para que o Mestre cure o seu criado, que jazia em casa paralisado. Jesus se propõem a ir a sua casa para curá-lo, e o centurião respondeu: *Senhor, eu não sou digno de que entres em minha casa, mas fala somente ao verbo e meu criado há de sarar. Porque também sou homem sujeito a autoridade e tenho soldados às minhas ordens. E digo a este, vai lá, e ele vai; e a outro, vem cá, e ele vem; e a meu servo, faze isto, e ele faz.* (tradução de Torres Pastorino). Jesus ficou muito admirado e disse: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel encontrei tão grande fé.

Nossa preocupação não é a de examinar os processos de cura, pois os espíritos conhecem muito bem a atuação dos fluidos para que a cura aconteça. Queremos destacar, sim, a ação benemérita daquele soldado para com o seu criado. Ele era benquisto pela sociedade local, pois até mandou erigir uma Sinagoga na cidade de Cafarnaum.

O cuidado do centurião era, também, por saber que as complicadas leis judaicas de pureza, obrigaria Jesus a se purificar no Templo, após ter estado em sua casa. (Jesus estava acima desses preconceitos religiosos). Contudo, o admirável nesta passagem é o conhecimento superior do Centurião. Pastorino acredita, com certeza, que ele tinha

conhecimento da gnose” e das Doutrinas de Alexandria. O soldado romano sabia que no mundo dos espíritos as inteligências superiores estavam a serviço do Cristo. Ele sabia, que mesmo à distância, Jesus poderia movimentar as forças da natureza e curar o homem doente, que estava sofrendo muito.

Nem mesmo em Israel, isto é, entre os judeus, encontrei tamanha fé, admirou-se Jesus. É interessante que um gentio, um goim, deu prova de uma fé tão grande que ficou registrado nos Evangelhos e na história. Sua palavras tem sido repetidas milhões de vezes no mundo cristão.

Malba Tahan, um dos mais extraordinários contistas da nossa literatura, conta uma história muito interessante a respeito desta passagem:

Um homem romano, na cidade dos Césares, havia caído da sua posição de privilegiada e agora morava num populoso bairro pobre, onde era muito amigo de todos e ajudava todos que necessitavam. Ele tinha dois filhos, e um deles era poeta e vivia no palácio imperial. O outro era soldado, e isto dava uma grande tristeza ao seu pai, que não queria um filho soldado. Um dia este filho partiu com um destacamento para uma terra distante.

Um dia este homem viu um soldado agredindo um menino e partiu em defesa do garoto. O soldado deu-lhe um forte golpe com o punho do gládio na cabeça, e o homem caiu semimorto. Os anjos vieram buscá-lo, mas como ele estava muito preocupado com um dos filhos, os anjos disseram a ele que a humanidade cantaria os versos do seu filho nos séculos vindouros. Feliz, ele imaginou a glória do seu filho poeta através dos tempos, e pediu para testemunhar essa glória. Insistiu tanto que uma ordem superior determinou que o levassem ao futuro para ouvir os versos do seu filho.

O tempo avançou quase dois milênios e os dois anjos entraram com o homem numa grande catedral cristã, onde o Coro cantava gloriosamente: Senhor, eu não sou digno que entre em minha casa, mas diga uma só palavra e meu criado será salvo.

As passagens que trata de ressurreição, como a de Lázaro, do filho da viúva de Naim e a menina filha de Jairo, não vamos comentar, porque é de entendimento do Espiritismo, que não aconteceu ressuscitação, pois, Se houver o desligamento dos laços que prende o espírito ao corpo, não há como reatá-lo. O que aconteceu foi a morte aparente, através da catalepsia, e que a força magnética de Jesus, despertou.

Em Mateus 13:1 – 9 — Marcos 4: 1-9 e Lucas 8:4-8 vem narrada a Parábola do Semeador. Como ela é simples ao entendimento, por não vamos nos aprofundar nela, mas como Jesus explicou-a separadamente aos discípulos, fica uma confirmação, ao menos aparente, de que Jesus de Nazaré tinha uma doutrina oculta, reservada aos discípulos.

Jesus disse que aos discípulos era dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus, mas aos outros não. Isto não pode ser entendido como preferência, mas como capacidade de entender.

Repetimos o que já falamos outras vezes: se hoje não mais existem os mistérios, as iniciações formais, persiste uma seleção natural pela medida da compreensão de cada um.

A Parábola do tesouro oculto é privativa de Mateus, e está no capítulo 13:44-53. Jesus contou que um homem encontrou um tesouro num campo e vendeu tudo o que possuía para adquirir aquele campo e tomar posse do tesouro. Depois ele conta a parábola do mercador de pérolas e da seleção de peixes. Em cada uma delas o personagem se desfaz de posses ou coisas menores para ficar com algo mais valioso.

Quando descobrimos a verdade, desfazemo-nos das pequenas ou meias verdades para ficar com a verdade inteira. Podemos dizer que desfazemo-nos das nossas crenças, superstições ou religiões, para aceitar uma Doutrina filosófica com conseqüências morais e religiosas, o Espiritismo.

Em Mateus 8:18 e 23 –27 — Marcos 4:35-41 e Lucas 8:22-25 contam que Jesus atravessa o lago de Genezaré, ou Mar de Tiberíades, num barco, juntamente com os discípulos, e provavelmente de propriedade de Pedro. Cansado, o Mestre dormiu, Subitamente se desencadeou um fenômeno comum na região; correntes fortes de ventos provoca agitação violenta nas águas, levantando grandes ondas e enorme sorvedouros no Tiberíades. As correntes de vento se originam do Vale do Jordão e são imprevisíveis.

Os discípulos ficaram muito assustados, porque a tempestade deveria ser muito violenta, pois eles estavam acostumados a enfrentar o mal tempo, e foram acordar Jesus

que repreende os ventos e ordena ao mar amordaçar-se e de imediato houve uma grande calmaria, o que também assustou os discípulos.

Para o episódio há duas interpretações. Uma objetiva, embora um tanto fantástica e misteriosa, e a outra subjetiva, interpretativa.

Na primeira, Jesus com a sua extraordinária evolução, ordena à natureza que obedece e se acalma. — No Livro dos Espíritos há a revelação de que os fenômenos da natureza são executados por legiões de espíritos pré-humanos, dirigidos por outros mais adiantados. Isto, de certa forma, facilitaria o entendimento da pronta obediência. Uma inteligência infinitamente superior ordena e as inteligências embrionárias são forçadas a obedecer.

A outra interpretação se passa no íntimo do homem. A tempestade se dá dentro, no mundo interior do homem. São os jogos da paixão, os desejos, os conflitos que ameaçam fazer o homem moral naufragar. Apelamos, então, para um ser superior, ou para o Cristo interno que dormita ainda dentro de nós, e ele acalma nossas paixões, tranqüiliza a nossa mente, faz cessar a tempestade.

Podemos interpretar, também, como o homem superior, cósmico, que atravessa o mar revolto da vida, sem medos ou intranqüilidade e faz com que os ventos e o mar se acalmem. Isto quer dizer que nem as tempestades exteriores, nem as interiores o abalam. É o homem que venceu a morte, porque sabe que é imortal.

Repetimos que a nossa intenção não é a de examinar os Evangelhos passo a passo, e sim, abordar alguns ensinamentos e dar-lhes uma interpretação mais racional pelo prisma do nosso entendimento. Sei que os leitores dessas páginas poderão achar que passagens que ficaram fora são mais importantes do que algumas que colocamos. Em Mateus 10:34-39 e Lucas 12:49-53 Jesus fala energicamente. Temos a impressão que as palavras que se seguem não poderia ser de Jesus, mas se encaixaria perfeitamente em Kardec — O Evangelho Segundo o Espiritismo — Moral Estranha —. Jesus diz claramente que não veio trazer a paz a Terra, mas sim a espada. Afirma, também, que veio por fogo à Terra. Disse que veio colocar o pai contra o filho, a sogra contra a nora.

Mesmo sendo palavras chocantes não é difícil de entender que numa mesma família pode ter um ou dois que aceite o Cristo e outros que não aceitam. Muitos espíritas conhecem essa experiência, pois, não raro, sua família não aceita o Espiritismo. Além do preconceito, quase sempre as coisas ruins que acontecerem com a família é creditado ao fato daquele membro que vai a centros espíritas e traz influências ruins para dentro de casa.

Vamos examinar a interpretação esotérica (fechada) de Torres Pastorino, que é muito bela: ele coloca que os nossos domésticos são partes de nós mesmos. Quanto ao fogo, ele afirma ser o espírito que anima o corpo. Vamos à narrativa de Pastorino:

O pai (espírito) quer se impor ao filho (emoções), mas essa se opõem a ele. A mãe (inteligência), quer superar a filha (a carne), mas essa rebela-se, e vencendo-a com o sono, cansaço e etc. A sogra (ainda inteligência), busca dominar a nora (sensações físicas), mas essas são poderosas.

Pastorino comenta como é difícil para a inteligência desarraigar vícios como bebida, tabaco, gula, preguiça... ou os obstáculos, como o cansaço, ou ainda as emoções violentas, como a cólera, o ciúme...

Em relação ao que Jesus falou que devíamos amá-lo mais que aos nossos pais, Pastorino usa um vocábulo grego que significa afeição respeitosa dirigida a um benfeitor, e não um outro vocábulo com o significado de amor terno e instintivo. Segundo Pastorino era costume entre os Israelitas daquela época, o Mestre ser colocado antes do pai. Ele cita uma frase ensinada por um tratado judeu: o pai nos colocou neste mundo, mas o Mestre, que nos ensina a sabedoria, nos dá a vida do outro mundo.

Huberto Rohden faz uma belíssima dissertação sobre o assunto e começa dizendo que a Doutrina do Cristo é fogo ardente. Fogo é luz, calor, energia. Luz simboliza sabedoria. Calor simboliza amor, simpatia, entusiasmo. Energia é a realização da verdade e do amor.

Rohden explica que tudo o que existe é luz. Os 92 elementos do sistema periódico da química, são 92 manifestações variadas da mesma luz. O autor da Gênese sabia isto intuitivamente quando escreveu: no primeiro dia Deus criou a luz. Desta luz, segundo Moisés e Einsten, nasceram todas as coisas. A matéria é energia congelada e as energias são luz condensada. Quanto mais condensada uma coisa, tanto menos material. A luz possui condensação mínima, e por isto, expansão máxima. A luz tem onipresença. Tudo é feito

dela. A luz é a menos material de todas as coisas materiais, por isso é o que melhor simboliza a Divindade.

Quando Jesus diz que veio lançar fogo a Terra, veio lançar luz, isto é, veio permear do espírito de Deus todas as coisas do mundo de Deus. Todos nós temos, potencialmente, este fogo do Cristo, mas não basta tê-lo, é preciso que ele arda, que se atualize, que se torne consciente, que permeie nossa vida.

Uma alma possuidora desse fogo, pode incendiar outras almas que tenham o combustível. As cinco virgens tolas não puderam ter suas lâmpadas acesas porque não tinham o azeite, estavam vazias. (ver parábola).

Del Chiaro faz um pequeno comentário com relação a Doutrina Espírita. Somos potencialmente perfeitos. Somos luz, embora de pouca expansão. Se a Doutrina Espírita acender em nosso íntimo o combustível do amor, da verdade, da justiça, atualizaremos as nossas potencialidades, deixaremos de ser promessa, para ser realidade. Para isso é preciso entusiasmo, que significa Deus dentro de si.

Capítulo XIV - A Multiplicação dos Pães e Peixes – Outras Passagens

Em Mateus 14:13-21 — Marcos 6:30-34 — Lucas 9:10-17 e João 6:1-14 narram a primeira multiplicação dos pães e peixinhos. Esta é uma passagem que muitas pessoas aceitam sem questionar, porque aceitam milagres. Outros não aceitam de maneira alguma. Como espíritas não acreditamos em milagres, mas também não somos cépticos, por isso vamos examinar alguns ângulos possíveis:

Em primeiro lugar concordamos com Pastorino, que considera exagero do entusiasmo dos discípulos fixar o número dos que foram alimentados em 5.000 homens, fora as mulheres e as crianças. Sem nenhuma base para o cálculo vamos considerar hipoteticamente que no total havia 8 ou 10 mil pessoas. É verdadeiramente um exagero, se considerarmos que as aldeias teriam poucas centenas de habitantes, seria necessário esvaziar inúmeras aldeias e não se chegaria ao número astronômico, já citado.

Entre os fenômenos mediúnicos existe o "transporte". Ou seja, os espíritos transportam objetos de fora para dentro da sala de reunião, mesmo com as portas fechadas. Há, também, o fenômeno de materialização. O objeto transportado se materializa no local. Examinemos o transporte. Os espíritos subordinados a Jesus poderiam transportar os pães e peixinhos fritos até o local. Mas de onde tirariam. O pão era feito pela dona de casa para o consumo de uma semana. Se houvesse estabelecimentos para vender pão, certamente os proprietários sofreriam grande prejuízo, assim como as famílias, que ficariam sem o pão da semana.

Consideremos que os espíritos assistentes do Mestre, utilizassem a matéria disseminada no espaço e materializassem os pães e peixinhos. Isto tem sido feito em pequena escala nas sessões de materialização, e, sem dúvida, Jesus teria condições de fazer ou mandar fazer em grande escala. Contudo, temos uma solução mais simples: muitas pessoas teriam levado lanches e estavam escondendo só para si. Com as palavras de amor e fraternidade de Jesus, e o gesto humilde do rapazinho que entregou os seus pães e peixinhos fritos, todos dividiram com todos, o que traziam. Então não houve milagre? Houve sim! O milagre da fraternidade, da solidariedade.

Metaforicamente podemos aceitar que o pão do espírito, a Doutrina ensinada por Jesus, alimenta multidões, e ainda sobra muita coisa, não terminando nunca.

Mateus 14:23-33 — Marcos 6:47-52 e João 6:16-21 narra o episódio em que Jesus anda sobre a água. Para o Espiritismo o fenômeno é facilmente explicado pela levitação (fenômeno de efeito físico – objetivo). Entretanto há um aspecto interessante. Pedro pede para ir até onde Jesus está e devido as ondas e o vento, se apavora e começa a afundar. Jesus estende-lhe a mão e salva-o Quando atravessamos quadras dolorosas da vida, perdemos a fé, a confiança em nós mesmos, e começamos a afundar. Neste momento surge alguém superior a nós, e estende-nos a mão, impedindo o nosso naufrágio no mar revolto da vida

João, num longo capítulo, narra o que ficou registrado no seu Evangelho, como O Pão da Vida – (texto privativo de João). São 71 versículos, mas vamos nos ater à essência. É um

trecho vivo, polêmico e dinâmico do Evangelho. Jesus afirma : Eu sou o pão que desceu do céu. Eu sou o pão da vida. Mais à frente, do versículo 53 até o 58 Jesus escandaliza os seus seguidores dizendo que quem não comer da sua carne, não saboreá-lo, não teria vida imanente (eterna).

Este trecho do Evangelho fica muito difícil de ser entendido se nos apegarmos à letra. Mas, se ficarmos no simbólico, não fica tão difícil. Certamente, Jesus não se referia ao seu corpo de carne, ou ao seu sangue, mas sim, ao corpo da sua doutrina. O simbolismo do pão é muito interessante.

Quando comemos o pão, ele tem que ser, antes, mastigado, depois engolido e passa pelo processo da digestão, e depois de digerido transforma-se em sangue que circula por todo o corpo, dando vida e vigor a todas as células

Assim deve ser a nossa vivência em relação ao Cristianismo do Cristo, e não dos seus vigários. Ele deve ser assimilado pelo nosso entendimento e fazer parte da nossa vida tão intimamente quanto o sangue do nosso corpo.

Infelizmente, até agora os cristãos tem entendido o cristianismo de forma infantilizada. Paulo de Tarso afirmou a uma das igrejas fundadas por ele, que os alimentava com leite porque não suportariam o alimento sólido. Até hoje, não são muitos os que podem comer o alimento sólido da verdade. Mesmo no Espiritismo são muitos os que ainda tomam a papinha infantil. Herculano Pires diz que são mamadores das cabras celestes. Pedro de Camargo – Vinícius – tem pensamento semelhante ao nosso. Assim como o pão nutre o corpo, a Doutrina de Jesus nutre a alma. Assim como o pão precisa ser mastigado, digerido, o pão espiritual precisa ser meditado, entendido

Moisés fez de um povo escravo, por tanto, sem cultura e organização, que só tinha um elo comum a uni-los, a crença monoteísta, uma nação. Mas para isto, deve combater hábitos arraigados no íntimo deste povo, e dar-lhe, até mesmo, noções de justiça, responsabilidade, higiene. Para que seus preceitos fossem aceitos obedecidos mais facilmente, ele afirmava que eram divinas, ou seja, ordenação do próprio Jeová..

Vamos dar um exemplo fácil de ser entendido. O povo judeu guerreou com muitos inimigos, e todos esses exércitos que enfrentaram o povo de Moisés, arrastavam atrás de si, grupos de prostitutas e jogadores, mais uma ralé de desocupados. A promiscuidade e a sujeira era muito grande, o que provocava doenças, como desintéria, e infecções nos ferimentos, enfraquecendo e provocando a morte de muitos soldados.

Com o exército hebreu não acontecia isto, porque era proibida a permanência e mesmo a visita de prostitutas e jogadores no acampamento. Por determinação religiosa nenhum judeu podia partir o pão sem lavar as mãos, para as suas necessidades naturais, como defecar, o soldado trazia como parte do seu equipamento uma pazinha, para cavar um buraco na terra, fazer as suas necessidades e cobri-la com a terra. Para reforçar esse preceito religioso, Moisés afirmava que Jeová visitava o acampamento durante a noite e não deveria pisar em excrementos humanos. Lavar as mãos para partir o pão e fazer as refeições, era medida higiênica, reforçada como mandamento religioso.

Em Mateus 15:1-11 e Marcos 7:1-10 vem relatada a querela levantada pelos fariseus, porque os discípulos de Jesus comiam sem lavar as mãos. Jesus admoesta os fariseus, dizendo que eles obedeciam preceitos de homens e com isso se desobrigavam de seguir os preceitos morais ou divinos, como o de amparar os pais na velhice.

O Mestre tem uma colocação mais viril quando afirma que não é o que entra pela boca que contamina o homem, mas o que sai da boca, porque procede do coração.

Na seqüência, os discípulos informa ao Mestre que os fariseus ficaram escandalizados com sua colocação sobre o comer sem lavar as mãos, e Jesus faz outra severa admoestação, dizendo: Toda planta que o Pai Celestial não plantou será arrancada.

O ensinamento sobre a contaminação pelo que sai pela boca e não pelo que é ingerido, é de fácil entendimento, e mais fácil fica, ao sabermos que havia vários alimentos proibidos aos judeus, além da proibição taxativa de não tocar os alimentos com as mãos por lavar.

Do coração (simbolicamente), procedem os adultérios, homicídios, prostituições, corrupções, mentiras, calúnias, furtos, etc.

Pastorino, na sua abordagem esotérica esclarece que não é somente os alimentos ingeridos que não contaminam o homem, mas tudo que vem de fora. Vejamos o que ele diz: Não é apenas o alimento ingerido ou as bebidas, mas nem mesmo as vibrações mentais de

outras criaturas, nem pensamentos externos, nem acusações caluniosas, nem ataques físicos ou morais: imperturbável em sua paz intrínseca e profunda, o eu-maior sobre está a tudo, pairando em outra atmosfera. O que vem de dentro contamina o homem, isto é, o que vem do coração (sentimento). Todo pensamento criado pelo espírito, antes de atingir o alvo,, atravessa a aura de quem pensa e nela imprime as suas vibrações.

O que sai do coração que pode contaminar o homem, pode ser atos cometidos, palavras (vibrações sonoras), e pensamentos (vibrações mentais).

Pastorino enumera duas listas de atos ou simples desejos, dos quais, destacaremos alguns: adultérios ou desejos sexuais, (com o ato material realizado, ou não), em relação a uma outra pessoa comprometida com outra. Prostituição ou desejos sensuais ou atos sexuais que não estejam fundamentados no amor. Furtos de qualquer espécie: físicos ou intelectuais, (de idéias de outrem, fazendo passar por suas

Lucas em 6:39 põem na boca de Jesus essas palavras: *por ventura pode um cego guiar outro cego? Não cairão ambos no barranco?*

Jesus falou tal coisa em referência aos cegos do conhecimento espiritual, e que, pretensiosamente, se intitulam guias da humanidade. O destino do guia, e dos guiado, é o barranco. O que significa que sofrerão as conseqüências das ignorância. Há guias de médium e de centros espíritas que se enquadram nesse ensinamento. São cegos espirituais guiando outros cegos. E todos rumam para o barranco, onde cairão, se não lhes forem abertos os olhos.

Em Mateus 16:13-20 Marcos 8:27-30 e Lucas 9:18-21 encontramos uma passagem muito interessante porque suscita vários ensinamentos. É quando Jesus, em conversa aberta com os discípulos, pergunta o que o povo fala sobre ele, quem pensam que ele é. Os discípulos citam vários personagens, incluindo Elias, Jeremias, deixando claro que conheciam a lei da reencarnação, pois os dois viveram muitos séculos antes de Jesus. Estranhamente, citaram, também, João O Batista, pois eram contemporâneos.

Jesus indaga diretamente os discípulos: e vós, que dizeis que sou? Pedro adianta-se aos demais e responde que ele é o Cristo (Messias). Jesus elogia Pedro, chama-o de bem-aventurado, por que não foi a carne e o sangue que te revelou, mas meu Pai, que está nos céus. Depois Jesus afirma que fundará a sua igreja sobre os ombros de pedra. Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja. A seguir as palavras: Tudo que ligares sobre a Terra será ligado no céu. A igreja Católica Apostólica Romana aproveitou essas palavras para criar alguns dogmas. Vamos examinar Pastorino e depois Rohden.

Pastorino levanta a suspeita de interpolação (acréscimo) porque a igreja criou as prerrogativas dos sacerdotes de perdoar pecados ou condenar e também a instituição do papado. Para a Igreja Jesus deu investidura a Pedro, que por herança passou a seus sucessores. Essa posição foi veementemente combatida e foi imposta pela força das armas dos Imperadores Romanos, que no ano 369 estabeleceu Dâmaso, Bispo de Roma, como juiz e soberano de todos os bispos.

Pastorino faz uma longa exposição sobre a palavra "ekklesia", comumente traduzida por igreja, e apresenta mais de uma dezena de significados possíveis, inclusive "aprisco", porém, opta pela palavra "comunidade", já que o Mestre pregava em praça pública, nas praias, montes ou nas casas de amigos. Diz ele que em hipótese alguma a palavra grega ekklesia pode corresponder ao que se conhece hoje por igreja.

Quanto ao Hades, em hebraico, Sheol, designava a habitação dos desencarnados, astral inferior, (umbral) . Os latinos chamavam de "lugares baixos", ínferus, mas que nada tem a ver com o atual sentido de inferno. Ilustra o autor com uma passagem de Vergalho (Eneidas 6-106 onde o poeta conta que Enéas penetrou as "portas do Hades" inferni janua, encontrando ali os romanos mortos que aguardavam a reencarnação.

As chaves representam autoridade e já aparece no Velho Testamento (Isaias 22:22) e também Apocalipse 3:7 – refere-se a quem possui a chave – o que abrir fica aberto – o que fechar fica fechado.

Pastorino não aceita a tradução comum – "o que ligares ou o que desligares", mas sim, abrir e fechar. Pastorino recorre a Clemente Romano, bispo entre 100 e 130, em Roma, que diz que tendo Jesus dado as chaves do Reino dos Céus a Pedro, e disse: "o que abrires fica aberto; o que fechares fica fechado".. Ligar e desligar, diz Pastorino, refere-se mais ao perdão. Quando perdoamos, desligamos, quando não perdoamos mantemos os laços de

ódio, vingança, rancor com os adversários. Desliga-se perdoando. Desligar (perdoar), na Terra, à caminho com o adversário, será ratificado no mundo espiritual.

Carlos Torres Pastorino afirma que houve transferência do versículo 18 do Capítulo 18 para o versículo 18 do capítulo 16, de Mateus, já que Marcos e Lucas não fazem tal citação. Marcos, possivelmente sobrinho de Pedro, mas certamente seu tradutor nas pregações, já que Pedro só falava o aramaico, ouviu os ensinamentos de Jesus da boca do apóstolo, se essas palavras tivessem sido pronunciadas por Jesus, em relação a Pedro, certamente Marcos saberia.

OBS. Não é admirar essa observação de Pastorino, porque encontramos num opúsculo de Pinheiro Martins, algumas transposição de textos. O autor conta que uma criteriosa tradução da Bíblia para o inglês — a New English Bible — feita por homens especialista no assunto, informam que encontraram 30 mil erros de tradução e mais de 2000 interpolações (Interpolação significa, alteração feita no texto, colocando-se neles palavras ou frases que antes não existiam)

Em 1956, veio a público por intermédio do Prof. Victor Martin, da Universidade de Genebra, a descoberta de um texto de João em melhor estado (antes havia sido descobertos fragmentos de papiro de textos de João, descobertos no Egito), proveniente também do Egito e em grego. Dos textos do Evangelho de João, em bom estado, é o mais antigo: data cerca de 150 anos depois de Cristo e é conhecido pelo código "P 66". Pois bem, esse exemplar mais antigo do Evangelho de João ignora totalmente passagens famosas que foram incluídas no texto posteriormente. Exemplo disto é o fim do versículo 3 e todo versículo 4 do capítulo 5 - do Evangelho de João. Essas frases foram colocadas posteriormente no texto original como uma glosa visando apenas explicar porque nos pórticos do tanque de Betesaída havia tantos enfermos, cegos, coxos e paralíticos. Outra passagem que não existia em João é a narração da multiplicação dos pães e dos peixes, seguida pelo do milagre de Jesus andando sobre as águas do mar da Galiléia. Os versículos 11 a 35 do capítulo 6 que contem essas narrativas nas Bíblias atuais, simplesmente não existe no "P 66". Também a bela passagem sobre a mulher adúltera, que Jesus livrou de ser apedrejada, não existiria no texto original. Os 11 versículos que contém essa narrativa (Jo. 8:1-11 faltam em muitos manuscritos gregos antigos. E finalmente, todo o capítulo 21 foi acrescentado no Evangelho de João — originalmente ele terminava no versículo 31 do capítulo 20. Leon Denis comenta em Cristianismo e Espiritismo: Se reconhecermos que foi acrescentado um capítulo inteiro a esse evangelho, seremos levados a concluir que numerosas interpolações poderiam ter sido feitas igualmente. De fato é o que se verifica.

O evangelho de Marcos também recebeu interpolações. Basta observar as duas cópias mais antigas que possuímos do evangelho de S. Marcos, terminam com o versículo 8 do capítulo 16. Os últimos 12 com o relato da ressurreição e da subida ao céu, de Jesus, foram acrescentados mais tarde. Além disso há vários versículos interpolados pois faltam em manuscritos gregos. Outra interpolação famosa é o acrescentamento do adjetivo sanctus em spiritus pela vulgata latina. Além do sanctus foi colocado um artigo definido (o espírito santo) onde deveria ser (um espírito santo).

Huberto Rohden procura demonstrar que a Igreja Católica Apostólica Romana tinha interesse em utilizar as palavras de Jesus para reforçar a sua autoridade, principalmente quando quis centralizar o poder nas mãos do Bispo romano. Com a queda do Império Romano as figuras de Papa e Imperador se confundiram numa só. Rohden, como Pastorino, afirmam que não foi Pedro, homem de carne e osso, que sabia ser Jesus, o Cristo de Deus, mas a sua essência espiritual, o seu Cristo interior, a divindade do Pai que habitava nele como habita em todas as criaturas. O que sabia era a sua intuição superior. Acrescentamos nós: sabia pela sua mediunidade.

Rohden explica que a rocha da igreja é o Cristo e nenhum outro fundamento. Esta foi também a opinião de Paulo e de vários Pais da igreja. Sobre o perdoar e não perdoar, ou ligar e desligar, Rohden é de opinião que nem o texto grego do 1º século, nem o latino dos séculos seguintes, fala em perdoar. O grego usa o vocábulo "aphíemí", que quer dizer, desligar, soltar, libertar. O interessante é que Rohden coloca sobre a palavra perdoar (latim – perdonare), é composto de per e + donare = a doar. O mesmo significado tem a palavra em inglês e em alemão. Inglês – forgive. For + Give = dar - Alemão Vergeben. Ver + geben = dar. Rodhen ensina que quando o ofendido não se dá por ofendido, desliga-se do ofensor.

Pessoalmente, resumimos assim: a igreja Católica usou as palavras de Jesus e adaptou-as para reforçar a sua autoridade. Na nossa opinião Jesus não fundou nenhuma igreja, mas baseou a sua doutrina na Revelação = mediunidade, e esta igreja está no íntimo, no coração de cada cristão verdadeiro. Entendam que a nossa afirmação está no campo do simbolismo, porque Jesus não autorizou nem o Templo de Salomão, nem o dos samaritanos, no Monte Garizin.

Concordamos com Pastorino sobre o deslocamento do versículo 18 do capítulo 18 de Mateus, para o capítulo 16: 19 do mesmo autor.

Obs. Cap. 18:18 - Em verdade vos digo que tudo que ligardes na terra, será ligado no céu e tudo que desligardes na terra será desligado no céu.

Cap. 16:19 - e eu te darei as chaves do Reino dos Céus e tudo o que ligares na terra será ligados no céu, e tudo que desligares na terra será desligado no céu.

Ao perder, o ofendido desliga-se do ofensor, mas este continua ligado à ofensa até resgatá-la.

O acontecimento que se deu na seqüência, demonstrou que os ombros de Pedro eram muito frágeis para suportar o peso da igreja do Cristo, porque, ao tentar dissuadir o Mestre de ir a Jerusalém e ser preso e executado (sacrifício espontâneo), Jesus manda que Satanás (adversário) se retire para a retaguarda.

Templos, não importa que seja catedral ou capela ou centros espíritas, é local de reunião para homens místicos, que vive a horizontalidade. O coração, o sentimento, a mente superior é o verdadeiro templo para o homem que vive a verticalidade. O universo é o verdadeiro Templo para o homem cósmico.

Consideremos, porém, que Jesus freqüentava o Templo de Jerusalém e as Sinagogas nas cidades por onde passava, obedecendo os preceitos do Judaísmo, portanto, é natural que freqüentemos centros espíritas, participando das suas atividades, contudo, que desenvolvamos cada vez mais a nossa união interior com Deus.

Mateus 16:24-28 - Marcos 8:34-38 e Lucas 9:23-27 abordam a passagem que em que Jesus disse, que quem quiser segui-lo que tome a sua própria cruz e siga-o. A passagem é um pouco complicada. Jesus afirma que voltará em toda a sua glória, para recompensar os seus seguidores. Diz, mesmo, que alguns dos seus ouvintes não experimentarão a morte até que ele retorne. Estas palavras deu aos seguidores de Jesus a idéia que ele voltaria em pessoa, muito breve, mas sobretudo que voltaria pessoalmente. Outra dificuldade é o "não experimentar a morte". Se aceitarmos que Jesus falava ao espírito, e não ao corpo, temos que convir que o espírito é imortal mesmo sem essa promessa. Quanto ao corpo, todos que ouviram aquelas palavras morreram, até o discípulo amado, João.

Tomar a cruz já era um simbolismo conhecido, pois era o castigo dos romanos aos criminosos, e os romanos aplicava este suplício largamente, na Palestina. O condenado carregava a sua cruz, ou a parte superior, horizontal, da cruz, até o local da execução. Além disso, como já vimos anteriormente, a cruz era o símbolo da iniciação de povos antigos, inclusive essênios.

Aprendamos que discípulo é aquele que palmilha o caminho trilhado pelo Mestre, e não aqueles que apenas aprendem os seus ensinamentos. É preciso viver os ensinamentos, senti-los, saboreá-los.

Ser aluno é diferente de ser discípulo. Para ser discípulo e seguir um Mestre é preciso querer. Não pode ser por dever (imposição), mas, pelo querer, (aceitação).

Quem vive apenas para as coisas do mundo perde o sabor das coisas espirituais. Prejudica a sua alma (mente, inteligência, vontade).

Humberto Rohden, no livro - Filosofia Cósmica do Evangelho, tece um bonito comentário, sobre "quem perder a sua vida, ganhá-la-á", do qual, discordamos apenas da parte em que ele diz que o ego humano; só pode ser imortalizado pelo eu divino. Porém, ele é muito feliz quando diz que o sofrimento redentor, é o voluntariamente aceito. Entendemos nós, que ele não é buscado, procurado, mas aceito, concordado.

Afirma Rohden que não se redimem, nem os revoltados, nem os que se resignam passivamente ao sofrimento. Diz ele, que não é o sofrimento em si que redime e espiritualiza o homem, mas sim, a atitude positiva, afirmativa, que o homem assume em face do sofrimento.

Mateus 17:1-9 - Marcos 9:2-8 e Lucas 9:-28-36 narram a transfiguração de Jesus. O lado objetivo da passagem é fácil de ser entendido: Jesus subiu a um monte, o Tabor possivelmente, levando consigo Pedro, Tiago e João (possivelmente por serem os melhores médiuns) e ali se transfigurou, e Moisés (Moisés viveu 1500 anos a. C.) e Elias (Elias viveu 900 anos a. C.) se materializaram e conversaram com Jesus. O que aconteceu foi uma Sessão mediúnica de efeitos físicos, ou materialização. Os médiuns foram os três discípulos e os acontecimentos foram muito parecidos com as sessões mediúnicas já citadas. Os três discípulos dormiram oprimidos de sono (os médiuns de efeitos físicos entram em profundo transe sonambúlico), mas estavam desdobrados espiritualmente e consciente, assistiram a tudo em detalhes. Uma nuvem os envolveu. (o ectoplasma pode ter a forma de um cordão de algodão, ou nevoeiro, neblina)

Qual a razão de Moisés e Elias se apresentarem para conversar com Jesus? Del Chiaro em artigo que intitulou, *A Síntese de Três Eras*, afirma que Moisés estava presente para, com aquela manifestação mediúnica, retirar o selo que colocou na boca dos mortos, quando proibiu essas manifestações, castigando com a morte, quem desobedecesse. Como morto ilustre, vinha mostrar que os túmulos estão vazios. Elias, foi no passado um profeta vigoroso, popular e estava ali representando o futuro, com o advento da Doutrina Espírita. Mas, porque ele não se apresentou como João, O Batista, que havia sido degolado há pouco tempo? Sabemos que o espírito desencarnado podem dar ao seu perispírito a aparência que preferir. Ora, os discípulos eram homens simples, sem muita coragem, pois é fácil lembrar como se desesperaram quando viram Jesus andando sobre as águas e pensaram que fosse um fantasma. Talvez, a figura de João pudesse apavorá-los. Jesus representava ali, o eterno presente.

Como a interpretação esotérica de Pastorino é um pouco complicada, vamos ficar com a de Del Chiaro:

Subimos, elevamo-nos em vibrações quando abandonamos, por instantes, as preocupações do mundo. Este subir desperta nossa luz ou potencialidades, e por momentos somos integrados ao universo e podemos entrar em comunhão com espíritos superiores, que vela, de longe, pelo nosso progresso. Porém, por mais sublimes que sejam esses momentos, temos que descer para a planície e viver a vida comum das pessoas, mas incomum para nós, graças ao aprendizado, ao conhecimento.

Em Mateus 17:10-13 e Marcos 9:10-13 relatam a conversa de Jesus com os discípulos quando estes perguntaram sobre a vinda de Elias antes do advento do Messias. Jesus dá, mais uma vez, testemunho da reencarnação, dizendo que Elias já veio, e não foi reconhecido. Os discípulos entenderam que ele falava de João, o Batista.

Lucas 10:1-16 relata que Jesus reuniu 72 discípulos e enviou-os em duplas, às localidades que ele deveria visitar para anunciar que o Reino dos Céus está próximo. É neste passo do Evangelho que Jesus fala da grandeza da seara e o pequeno número de trabalhadores. Na verdade, até hoje os trabalhadores são poucos, porque não muitos os que compreendem a essência do Cristianismo, e os encargos da função de trabalhadores da seara.

Pastorino cita vários documentos históricos que se contradizem no número de novos apóstolos enviados por Jesus. Alguns dizem 70 e outros 72, eles foram enviados aos pares, como já havia acontecido com os 12. Jesus aconselha e determina que não levem bolsa, nem alforjes. O que seria impossível nos tempos atuais, porque os costumes mudaram. Na sua conversa com os emissários, Jesus faz comparações entre Corazin e Betsaida — Tiro e Sidon, e também Cafarnaum e Sodoma. Jesus afirma que se o que ocorreu em Corazin e Betsaida (as maravilhas que ele realizou) tivesse ocorrido em Tiro e Sidon, aquelas cidades teriam se convertido. (é preciso saber que Tiro e Sidon eram cidades pagãs).

Cafarnaum foi a cidade em que Jesus fixou residência ao sair de Nazaré. Sodoma, juntamente com Gomorra, foram as cidades destruídas por Jeová, devido a depravação dos seus habitantes. (segundo a Bíblia)

Na explicação oculta da passagem, Pastorino revela o significado dos nomes das cidades mencionadas pelo Mestre: Corazin significa O Segredo. Betsaida – Casa dos Frutos. Diz Pastorino que os discípulos procuravam os frutos em segredo (iniciação interna). Tiro significa Força. Sidon = Caçada, e propõem se Jesus chegou a pensar se, não teria maior êxito se lançasse a humanidade numa caçada à Força. Ou ainda se em vez de Cafarnaum

(cidade do Consolador, ele agisse em Sodoma = aridez, isto é, com dureza, se os resultados não seriam melhores.

Outra curiosidade é que Pastorino faz interessantes cálculos matemáticos, dizendo que cada discípulo de Jesus deveria conquistar mais 12, capazes de entender a mensagem do Cristo. Ele baseia-se em Paulo, que disse que os discípulos eram os 72, mais $432 = 504$ (Coríntios 15:5-6. Jesus apareceu aos 12 e depois a mais de 500 irmãos de uma só vez. Afirma Pastorino que quando Jesus desencarnou, deixou 516 discípulos, já iniciados e prontos para o trabalho de divulgação do Evangelho. Afirma ele que se a humanidade estivesse preparada, em poucos anos a Terra estaria transformada. Sendo que cada discípulo, enviado em dupla deveria conquistar mais 12 – na 12ª vez em que as duplas fossem enviadas atingiria 4 bilhões 533 milhões 564 mil 672 irmãos.

Capítulo XV - O Bom Samaritano - Marta e Maria

A Parábola do Bom Samaritano é privativa de Lucas, que narra no capítulo 10:25-37, é de uma beleza ímpar. A Parábola é simples e incisiva. Vejamos o que podemos entender da sua parte oculta.

Primeiro, vejamos a explicação de Pastorino sobre os doutores da lei e os escribas: eram excelentes discutidores, pois conheciam profundamente as escrituras. Costumavam fazer perguntas para embaraçar os interlocutores, e esta foi a técnica empregada pelo doutor da lei (legalista), tentando confundir Jesus. Este, muito sábio, devolve a pergunta de forma direta. Vejamos:

- Mestre, o que farei para herdar a vida eterna (imane)?
- Na lei, como está escrito? Como lê? – pergunta Jesus.

Após a citação da lei pelo Doutor, Jesus enfatiza:

- Faze isto e viverá.

Mas o Doutor da Lei não se dá por vencido. Não podia, Era muita humilhação. Ele era um Doutor e Jesus um carpinteiro, por isso ele dispara:

- Quem é o meu próximo?

A pergunta tinha razão de ser, porque os judeus consideravam seus próximos, os pais, os filhos, os parentes, os da mesma religião, os da mesma raça, nesta ordem. Os pagãos, os samaritanos não eram próximos, mas adversários. Diante desta nova pergunta, Jesus contou a parábola. Contudo, é bom ressaltar que Jerusalém está há 800 metros acima do nível do mar. Jericó, 250 metros abaixo. Jerusalém era a capital religiosa (espiritual), Jericó a capital comercial. (interesses materiais). Podemos deduzir facilmente que subir a Jerusalém é elevar as vibrações. Descer a Jericó é abaixar as vibrações,

Terminada a parábola, é Jesus que profiga:

- Qual dos três foi o próximo daquele homem?

O Doutor da lei, para não capitular inteiramente, respondeu de forma indireta: – O que usou de misericórdia para com ele.

Jesus arrematou: – Vai também tu e faz o mesmo.

Pastorino dá uma bela explicação dizendo que aqueles assaltados pelas paixões violentas, vícios (salteadores) que lhe roubaram as qualidades positivas (saúde) e o deixaram intranquilo, desesperançado (caído – chagado) – não são as religiões organizadas (sacerdotes) , nem os companheiros de jornada (levitas) que poderão ajudá-lo devidamente, porque, também estão adormecidos. Só alguém que já despertou para a vida maior do espírito (alma vigilante — samaritano) , é capaz de prestar-lhe socorro eficiente. Ele derramará sobre as suas feridas o óleo (bálsamo do conforto e consolação, e o vinho (explicações espirituais) e levá-lo-á à meditação ao lado de um mestre (hospedeiro) para libertar-se dos efeitos nocivos dos vícios. Aprenderá a evitar os perigosos caminhos do mundo, infestado de gozos e paixões brutais. (ladrões e salteadores).

Outra passagem muito bonita, que é, também, privativa de Lucas, Capítulo 10:38-42 é a visita de Jesus a Betânia, para visitar Marta e Maria, irmãs de Lázaro, que mais tarde ele despertaria de um sono cataléptico. O ensinamento é bem claro, e a dicotomia, interesses materiais X interesses espirituais, é muito interessante.

Marta está na horizontalidade, fixada nos interesses materiais, de como cuidar da casa, providenciar suprimentos, preparar as refeições, trabalhar e outras coisas do gênero. (o que não tem nada de condenável quando realizado com honestidade). Maria está na verticalidade. Sua aspiração é a comunhão com a Divindade, O aprendizado superior junto ao Mestre. Ela escolheu a melhor parte e ninguém vai tirar dela. Esta sentença de Jesus é muito clara. Esta advertência deveria soar até hoje em nossos ouvidos: Marta, Marta, você corre atrás de muitas coisas é uma só necessária.

A passagem deixa a impressão que a vida contemplativa é mais importante que a vida de ação. Embora seja importante, acreditamos que o aprendizado se completa na ação. Não basta apenas ouvir o Mestre e ficar extático, é preciso praticar o que ele ensina.

Jesus aproveitou o regresso dos 72 para passar alguns ensinamentos extraordinários. Ver Mateus 11:25-30 completado em 13:16-17 — Lucas 10:17-24. Jesus dá graças ao Pai por revelar as coisas do espírito aos simples e pequeninos e ocultar aos doutos e prudentes. É preciso convir que Jesus se refere aos humildes, simples e não aos ignorantes, por que o Reino dos céus não é um reino de obtusos, mas de humildes. Os doutos e intelectuais tem dificuldades para aceitar os ensinamentos de Jesus por causa da vaidade intelectual. Logicamente, não podemos generalizar, existem muitos intelectuais profundamente ligados aos ensinamentos de Jesus, através de diferentes rótulos.

Em O Cristo Consolador – Mateus 11:28-30 – Jesus de Nazaré faz um convite aos aflitos e sobrecarregados, convidando-os a tomar sobre si o seu jugo. O convite é pleno de ternura e amor, para aqueles que sabem que são imortais que não tem dúvidas sobre a vida futura.

Allan Kardec, num comentário curto e primoroso, em O Evangelho Segundo o Espiritismo, afirma que o homem que simplesmente duvida, já tem em si causa de sofrimento. A dor pesa com todo o seu peso. Diz Kardec — Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perdas de entes queridos, encontram sua consolação na fé no futuro e na confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. (ver Evangelho Segundo o Espiritismo – Cap. VI)

A respeito do jugo a que Jesus se refere, era uma expressão habitual entre os judeus, explica Pastorino. Exemplo: o jugo da Torá. O jugo dos mandamentos. O jugo da carne e do sangue. Quanto a Fardo, havia a expressão: O fardo da Lei.

Era natural que o Rabi usasse expressões comuns ao povo, como usava seus costumes e ocupações, como a vida agro-pastoril, a pesca, etc.

Da passagem do retorno dos enviados, queremos destacar que os 72 foram iniciados na Doutrina de Jesus pelos 12 discípulos do Mestre. E por sua vez, os 72 iniciariam mais 12 cada um.

Lucas 11:24-26 e Mateus 12:43-45 narram uma parábola que poderia ser intitulada Hóspede e Hospedeiro. Um hóspede (espírito obsessivo) e um hospedeiro (obsedado) – que apesar de beneficiados nada fizeram para se melhorarem, mantendo-se ambos fúteis, vaidosos indiferentes, viciosos, recaíram na mesma situação.

O hóspede, expulso da casa mental por intervenção de terceiros, saiu a procura de outra pessoa para vampirizar (explorar), mas não conseguido afinidade igual, voltou para verificar a antiga moradia e viu que poderia retornar. Contudo, não querendo ser expulso novamente, trouxe consigo mais 7 obsessores piores do que ele, e todos passaram a habitar a casa mental do hospedeiro, e o último estado do homem passou a ser pior do que o primeiro.

Encontramos essa situação, muitas vezes, em centros espíritas, onde as muitas pessoas são desobsedadas, mas não modificam o seu íntimo, não corrigem os seus defeitos, resultando no retorno do obsessivo, se este não se transformou também, ou de outros espíritos, por encontrar uma casa vazia, sem defesas.

Pastorino coloca que a casa varrida e adornada representa o progresso do obsedado, que reequilibrou as suas emoções, livrou-se da projeção mental do obsessivo. Este, encontrando dificuldades para adentrar a casa mental do seu desafeto, vai buscar auxílio junto a espíritos piores do que ele. O obsessivo prende-se aos sete por lhes ficar devendo um favor, o que será cobrado. (é a mesma situação de quem procura um macumbeiro para prejudicar alguém – o que encomenda o trabalho fica devendo ao macumbeiro e aos espíritos que o realizaram, e será cobrado oportunamente).

Outra dedução importante que podemos tirar desta passagem, é a necessidade de se tomar certos cuidados com a nossa casa mental. Assim como cuidamos da nossa residência arejando-a, varrendo-a, lavando-a, eliminando insetos nocivos, deixando o sol entrar abundantemente, precisamos cuidar da Casa do Espírito (Mente), arejando as idéias, fazendo a limpeza espiritual, livrando-nos do lixo mental, deixando o sol da prece e do estudo iluminar e aquecer o ambiente. Desta forma nenhum obsessão poderá invadir a nossa casa mental.

Na Parábola das Dez Virgens, nossa base é Huberto Rohden, de mistura com as nossas próprias observações. A explicação de Rohden é muito interessante e não conflita com o Espiritismo, exceto num ponto fundamental que veremos mais à frente, a questão da morte do espírito.

Rohden começa por dividir a humanidade como as 10 virgens. A metade tem esse combustível misterioso, essa luz potencial, que pode a qualquer momento transformar-se em luz atual, atualizar-se. São aqueles que possuem receptividade espiritual, mesmo que pareçam estarem dormindo, porque estão espiritualmente em vigília. Estão com as suas lâmpadas cheias de óleo, prontas para serem incendiadas. A outra metade dorme física e espiritualmente, e tem as suas candeias vazias.

Rohden fala do pecado e do pecador, afirmando que o pecador, ainda cego, não percebe as suas trevas ou a consciência do seu pecado. Ao despertar a sua consciência ele está no inferno consciencial. Diz Rohden: a vinda do esposo é o momento que o pecado gostoso, passa a ser doloroso.

Rohden explica que as virgens néscias mostraram toda a sua tolice ao pedir o óleo das virgens prudentes, porque a experiência divina, a consciência cósmica, não pode ser dividida. Essas coisas são conquistas e não dádivas, por isso não podem ser usurpadas ou contrabandeadas.

Ninguém pode penetrar em regiões superiores sem estar preparado, sem ter conquistado essa condição. Aceitemos por instantes o céu e o inferno: o céu seria um inferno para os espíritos atrasados, assim como o inferno pode estar de acordo com a sua pouca evolução, seria um céu.

Rohden utiliza um exemplo simples; um homem boçal que se visse subitamente numa roda de intelectuais falando em Bethoven, Verdi, Chopin, Dante, Wagner, Mozart, Shakespeare... Quanto tempo ele suportaria esse céu intelectual. Não ficaria ardendo de vontade de retornar ao seu ambiente?

Quem busca Deus fora de si mesmo não o encontrará. Só pode receber quem tem; quem nada tem, nada poderá receber.

Ao lhes ser negado o azeite pelas virgens prudentes, as tolas foram em busca desta fabulosa experiência. Diz Rohden que ao retornarem para o esposo, o ciclo evolutivo havia terminado, e elas tiveram que esperar o início de um novo, mas aqueles que se deixarem escoar todos os ciclos e continuar na sua consciente oposição a Deus, inicia a sua trágica desintegração. *ESTE É O PONTO QUE NÃO CONCORDAMOS E NOS REFERIMOS A ELE NO INÍCIO DESTA ABORDAGEM*, porque nenhum espírito resistirá eternamente à sua transformação.

As virgens tolas dizem: nossas lâmpadas se apagam. Elas acendem, mas apagam. É uma chama intermitente. Quando a lâmpada da razão se enche com o óleo, a luz permanece serena, tranqüila, amiga, como um dia de verão, pleno de luz solar.

Acreditamos que podemos aproveitar os ensinamentos de Rohden que os espíritos de um determinado globo, como o nosso, que forem remanejados para mundos primitivos, estarão iniciando um novo ciclo evolutivo, que se não for aproveitado, se repetirá, muitos milênios depois, num novo remanejamento.

Outra observação que fazemos é que, quem tem as suas lamparinas cheias de azeite e acesas, não podem dar do seu azeite aos que não tem, mas pode incendiar outra lamparina. Isto é: uma chama acesa pode acender o pavio de outra lamparina, o que quer dizer que a fé, o entusiasmo (Deus dentro de si) o dinamismo, a coragem que estiverem apagados dentro do coração do outro, podem ser incendiados por nós.

Epílogo da Mais Extraordinária Jornada de Todos Os Tempos

Não abordamos todas as passagens dos Evangelhos, e precisamos encerrar este desprezioso estudo. Não vamos, a partir de agora citar os textos dos evangelistas, mas fazer uma abordagem geral de tudo aquilo que aprendemos e descobrimos sobre a prisão e crucificação de Jesus de Nazaré.

Jesus, ao se aproximar de Jerusalém envia os discípulos para buscarem um pequeno jumento e entra na cidade montado nele, cumprindo assim, uma profecia de Isaias sobre a vinda do Messias. O povo corta ramos de arvores com as mãos e colocam no caminho, enquanto muitos gritam, Viva o Rei dos Judeus, especialmente as crianças. Alguém pede para que ele mande as pessoas se calarem e ele responde: – Se se calarem, as pedras clamarão.

Posteriormente ele manda discípulos a alugar uma sala para comerem a Páscoa. Jerusalém está superlotada de peregrinos. O ambiente é tenso e os romanos estão atentos, pois sempre havia tentativas de rebelião na Festa da Páscoa. Inúmeras tropas de soldados romanos estavam aquartelados na cidade.

Jesus reúne-se com os discípulos e lhes passa inúmeras instruções. Num dado momento diz a Judas Iscariotes para ir fazer o que tem que fazer e Judas se retira. No coração de Judas uma luta titânica. Tudo estava preparado para iniciar uma revolução e expulsar os romanos da sua terra. Entretanto, o líder pelo qual tanto ansiava, seu Mestre, não demonstrava o desejo de assumir a liderança. Restava a Judas uma jogada muito arriscada, denunciá-lo, para que assim ele assumisse o comando da revolta.

O que Judas não sabia é que muitos dos seus companheiros tinham sido mortos ou presos. Entre estes, Dimas, Gestas e Barrabas, que ao assaltar uma caravana, mataram um soldado romano. Dimas e Gestas foram crucificados imediatamente. Barrabas foi guardado para depois.

Terminada a ceia pascal, Jesus se retira com os discípulos para o Horto das Oliveiras, onde pretende orar. Os discípulos dormem, deixando Jesus angustiado. Na sua prece ele pronuncia as palavras: – *Pai, afasta de mim esse cálice, mas que seja feita a tua vontade e não a minha.*

Judas, entregou-o aos sacerdotes que pediram reforço de soldados romanos e foram prendê-lo. Chegando junto ao Mestre, ele o beija com o coração angustiado, pois, se o Mestre não reagisse, tudo estaria perdido.

Em nossa opinião, Judas não era um odioso traidor, mas um nacionalista, um patriota que queria a liberdade da sua pátria. Dimas, Gestas e Barrabas não eram bandidos, mas revolucionários. (vejam os livros – Barrabas, de Herculano Pires – e – Eu Judas, de Taylor Caldwell).

Os fatos do julgamento é muito conhecido. Pilatos mandou-o a Herodes, ambos estavam na cidade, e Herodes devolveu-o novamente a Pilatos. Este não queria condená-lo, não porque tivesse simpatia a Jesus, mas porque desprezava os judeus com as suas constantes tricas.

Quando os sacerdotes que queriam condenar Jesus porque ele se intitulara Filho de Deus, e logicamente por outros motivos e por despeito, porque Jesus era amado pelo povo, ao ver que Pilatos relutava em condená-lo, disseram que comunicariam a César que Pilatos aceitava outro Rei que não era César.

Ameaçado politicamente, ele condenou Jesus, antes, num gesto teatral lavou as mãos. Pilatos tentou libertar o Rabi oferecendo ele e Barrabas para que o povo escolhesse a quem libertar e o povo escolheu Barrabas.

Jesus foi flagelado duramente e depois teve que carregar a viga horizontal da cruz até o Monte Gólgota, onde Dimas e Gestas já estavam crucificados mas vivos, Sua cruz foi plantada entre os dois, do mesmo modo que ele viu, na visão que teve no deserto.

Seus discípulos se dispersaram e apenas João permaneceu com Maria, mãe de Jesus, ao pé da cruz. Jesus ora o Salmo do Messias, composto Por David, 700 anos antes. *Pai, Pai por que me desamparaste?! - Está consumado! Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito.*

Os Evangelistas narram que houve uma grande escuridão, e uma tempestade abalou a cidade, e neste momento, O VÉU DO TEMPLO RASGOU-SE DE ALTO A BAIXO. Isto tem um significado. Este véu cobria a entrada do Santíssimo, onde deveria estar depositada a Arca

da Aliança, mas que já havia desaparecido ao Tempo de Jesus. No Santíssimo somente o Sumo Sacerdote podia entrar uma vez por ano. Era realmente o símbolo do mistério. Ao rasgar-se, acabaram-se os mistérios, as religiões iniciáticas, as coisas ocultas, pois todos devem saber que Deus é único, Inteligência Suprema e Causa Primeira de Todas as Coisas.

José de Arimatéia vai pedir o corpo de Jesus a Pilatos, que se admira dele já ter morrido. Daí nasceu uma lenda que ele não morreu, e que foi reanimado e fugiu para a Índia onde viveu até os setenta anos, casou-se e teve filhos. Em Caxemira, na Índia, existe o túmulo do Profeta desconhecido, que segundo alguns, seria Jesus. Pura especulação, fábula, lenda.

Na manhã seguinte à Páscoa, Maria Madalena vai ao sepulcro, e encontra a pedra removida e o túmulo vazio. Ela julga que o jardineiro retirou o corpo e ouve passos extremamente leve atrás de si. Ela pensa que é o jardineiro, mas uma voz que ela conhecia muito bem, fala-lhe com acento de infinita ternura:

- Maria...

- Raboni! (Mestre muito querido)

Especula-se sobre o corpo de Jesus. Os sacerdotes acusam os discípulos de tê-lo roubado. Os discípulos culpam os sacerdotes. Contudo, convém frisar que o corpo não era fantasma (teoria docetista e Roustanguista), e as aparições de Jesus foram em perispírito. (Lembremos que quando Kardec perguntou aos espíritos se os puros espíritos possuem perispírito, a resposta foi, *È COMO SE NÃO TIVESSE*, no que deduzimos que TEM).

Sobre o Pentecostes já emitimos nosso parecer, mas convém lembrar: para os cristãos em geral as línguas de fogo encheram os discípulos do Espírito Santo. Para os espíritas foi a eclosão da mediunidade. Para nós, pessoalmente, acreditamos que, os discípulos de Jesus, homens simples e ignorantes, reassumiram o seu patrimônio intelectual, a sabedoria que possuíram em outras vidas e que estavam obnubiladas.

Muitos se escreveu sobre este moço galileu. Cerca de 72 mil livros. Elegeram-no Deus. O Espiritismo despiu-o da divindade, mas fez dele o construtor e governador do planeta Terra. Para nós, particularmente, ele foi um grande homem, com uma grande missão, a de guiar-nos para o caminho da perfeição. Para isto basta seguir a poeira de estrelas que se desprende das suas sandálias.

Eu amo Jesus de Nazaré, e um dia, seguirei os seus passos.

Guarulhos 06 de fevereiro de 2002